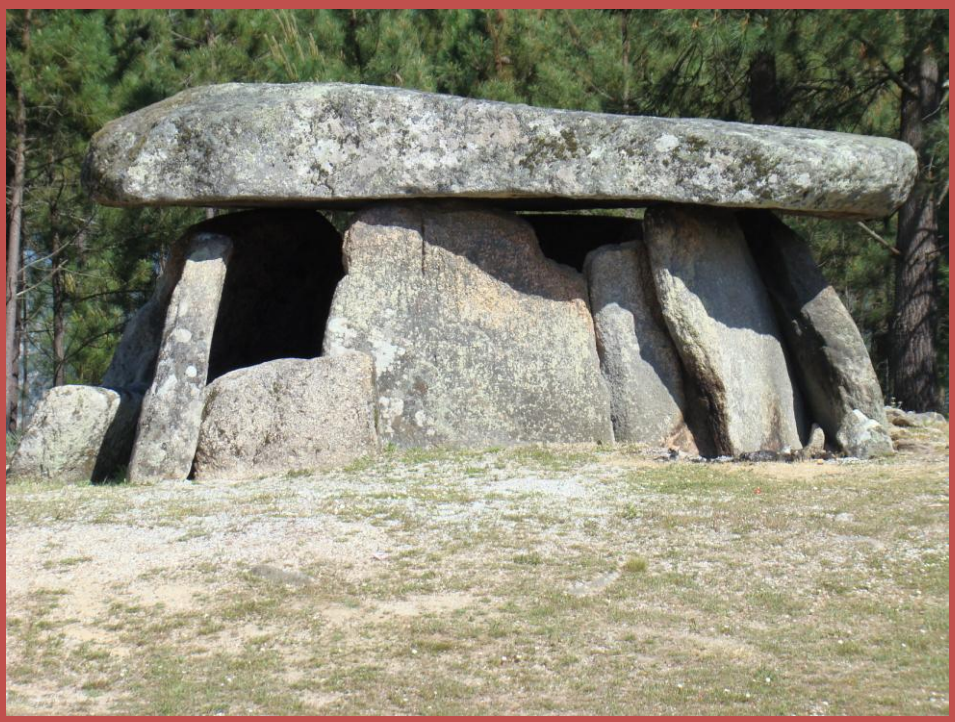
Evaristo João de Jesus Pinto

ROTEIRO ARQUEOLÓGICO

DO

CONCELHO DE CARREGAL DO SAL



2ª Edição
Município de Carregal do Sal
2005

ROTEIRO ARQUEOLÓGICO

DO

CONCELHO DE CARREGAL DO SAL

FICHA TÉCNICA:

Título: Roteiro Arqueológico do Concelho de Carregal do Sal

Autor: Evaristo João de Jesus Pinto

Capa: Orca dos Fiais da Telha

Fotografias: Do autor (sempre que não identificado em contrário).

Composição e impressão: Tipografia Beiratipo – Carregal do Sal

Depósito Legal: 164433/01

2ª Edição 2005

SUMÁRIO

PREFÁCIO **4**

INTRODUÇÃO **5**

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO **10**

AS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CONCELHO DE CARREGAL DO SAL **13**

A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA **14**

A OCUPAÇÃO ROMANA **38**

A ÉPOCA MEDIEVAL **51**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **74**

GLOSSÁRIO **77**

BIBLIOGRAFIA **79**

APÊNDICE - CARTOGRAFIA **85**

ÍNDICE GERAL **97**

INTRODUÇÃO

É hoje do domínio público e cada vez mais notório que as novas tendências sentidas em torno do património cultural se centralizam na valorização, salvaguarda e divulgação de toda a diversidade patrimonial que ao longo de sucessivas gerações foi chegando até nós, bem como na fruição dessa mesma herança ou legado histórico. Neste legado incluem-se notáveis espaços arqueológicos tornados entretanto visitáveis que, para além do seu potencial interesse científico ou valor patrimonial, tornam possível uma abertura ao seu aproveitamento turístico e consequentemente, ao progresso sócio-económico e cultural dos cidadãos, além de uma mais-valia para a consciencialização e rentabilização do património.

A existência, no concelho de Carregal do Sal, de numerosos e diversificados vestígios arqueológicos, testemunho de um passado histórico rico e particularmente variado, cujas raízes cronológicas remontam ao período neolítico, justificavam plenamente a existência de um roteiro arqueológico que, para além de compilar e actualizar num só livro os diversos estudos já efectuados e divulgados em diversas publicações científicas, reunisse também os últimos resultados de prospecções arqueológicas entretanto levadas a efeito, no último semestre, na área deste município.

Com efeito, importa sublinhar que, não menosprezando o carácter científico que está subjacente a este tipo de instrumento de divulgação patrimonial, este roteiro procura, no entanto, dirigir-se a um público que se deseja ser o mais alargado possível, daí que possa ser também considerado como um guia de síntese para quem visite este concelho e se interesse pelo património cultural. De qualquer forma, e, apesar de existirem cerca de meia centena de estações arqueológicas, cujo valor científico e patrimonial é indiscutível como contributo para a história local e regional, só uma parte destas tem interesse turístico, podendo, por conseguinte, reunir condições de ser visitadas.

Tendo pois em conta os objectivos que presidem à elaboração deste trabalho e a tarefa de calcorrear todo o concelho para a realização do inventário dos sítios arqueológicos, tornou-se desde logo prioritário efectuar o levantamento de informações bibliográficas mais importantes que já tivessem incidido sobre o estudo e divulgação dos testemunhos materiais de épocas recuadas, nomeadamente, sobre os vestígios pré-históricos, época romana e período medieval. Nesse sentido, importa realçar que, até aos meados deste século, eram relativamente escassas as referências à arqueologia deste concelho, conhecendo-se apenas algumas alusões à Orca do Outeiro do Rato (Cruz, 1903),

às sepulturas rupestres da Quinta da Aveleira (Vasconcelos, 1917: 134), e ao Outeiro dos Castelos (Almeida, 1945), além dos estudos de Moreira de Figueiredo sobre viação romana das Beiras (1952 e 1953), nos quais se faz referência a alguns troços romanos neste concelho, como o caso de Sobral de Papízios, Pinheiro, Currelos e ponte do Caldeirão.

Posteriormente, nos finais dos anos cinquenta, surgem os primeiros estudos sistemáticos sobre o fenómeno Megalítico Beirão, realçando-se os trabalhos arqueológicos de arqueólogos como Vera Leisner, Leonel Ribeiro e João de Castro Nunes, sem que todavia se realizasse de forma dinâmica um estudo mais alargado e sistemático do património arqueológico existente neste concelho.

Na década de sessenta, Irisalva Moita (1966: 261) faz uma referência à Orca da Palheira, freguesia de Oliveira do Conde, e, na década seguinte, Osvaldo Silvestre (1976: 133-134) publica também o achado de uma placa funerária romana, encontrada no lugar de Chãs, freguesia de Beijós, por um agricultor.

Porém, só as duas últimas décadas deste século viriam a representar uma significativa mudança e um virar de página no conhecimento do património histórico e arqueológico deste concelho, nomeadamente com o sistemático desenvolvimento de investigações arqueológicas entretanto levadas a cabo pela equipa do Prof. Doutor Senna-Martinez, e sob a sua orientação, alterando assim profundamente o quadro reinante e o vazio de estudos que marcaram as décadas anteriores. Assim, a década de oitenta (Ventura, 1993: 9-21), ficou sobretudo marcada pelos trabalhos de investigação realizados no âmbito do **Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego (PEABMAM),** mais concretamente na área da Plataforma do Mondego, na qual este concelho se insere e de que resultaram várias intervenções arqueológicas e as primeiras conclusões sobre os vários sítios de habitat, ou ocupações do Período Neolítico, passando pelo Calcolítico e Idade do Bronze. Nesta década, decorreram vastíssimas campanhas de prospecção e escavações arqueológicas, das quais resultaram a inventariação e intervenção em cerca de duas dezenas de estações, na sua maior parte

Fig. 1 **- Rio Mondego (Carregal do Sal).**

inéditas e relativas ao Período Pré-histórico, destacando-se, entre outras, a Orca do Valongo, Orca de Travanca, Orca do Tisco, Orcas 1 e 2 de Cabanas, Orcas 1 e 2 de Oliveira do Conde, Orcas 1 e 2 do Ameal, Orca dos Fiais da Telha e Orca do Santo Tisco, entre outras.

Trata-se de um trabalho notável que corresponde à síntese de mais de uma década de trabalhos arqueológicos os quais permitiram desbravar e dar a conhecer, no contexto regional, as características do povoamento Neolítico, Calcolítico e Bronze Final, associado indubitavelmente à construção e utilização, no primeiro caso, daqueles monumentos megalíticos de que esta área é rica.

Por outro lado, seria obviamente impossível não referir aqui, para além do Prof. Doutor Senna-Martinez, o grupo de trabalho que com ele trabalhou e colaborou, destacando-se particularmente os arqueólogos José Manuel Quintã Ventura, António Carlos Valera, Isabel Maria A. Estevinha, Ana Paula Henriques e Margarida Silva Barroso, entre outros, além do colaborador Horácio Peixoto. Deve-se pois, a esta equipa, o grande impulso e os inestimáveis contributos acerca do actual estado de conhecimentos dos diferentes períodos cronológico-culturais, os quais serão evidenciados na parte respeitante às estações arqueológicas.

Mais recentemente, na década de noventa, há ainda a realçar o estudo e levantamento das sepulturas escavadas na rocha (Marques, 1995: 37-42), bem como o trabalho de estudo comparativo destas sepulturas medievais com as do concelho de Gouveia, realizados por Catarina Tente e Sandra Lourenço (1998: 191-218). Por último, não podia deixar de aqui mencionar a excelente publicação do catálogo sobre a arqueologia da região de Viseu, promovido pelo Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, o qual reúne e sintetiza um enorme conjunto de textos sobre arqueologia, no âmbito da exposição *Por Terras de Viriato – Arqueologia da Região de Viseu*, que está a decorrer, até Dezembro de 2000, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Trata-se pois de um exemplar trabalho, fruto do labor e do estudo intenso de toda uma equipa que soube enriquecer e valorizar o nosso património histórico-arqueológico, à qual todos só podemos estar gratos.

Tendo pois, como base de trabalho este conjunto de informações bibliográficas, partiu-se para o terreno com o intuito da confirmação e localização *in loco* de todas as estações arqueológicas documentadas, procurando-se constatar, através de percursos a pé, outros vestígios de ocupação humana de épocas recuadas.

Tecnicamente, no levantamento arqueológico, procurou-se o apoio dos testemunhos orais das populações, a toponímia dos locais a prospectar, o auxílio das cartas militares à escala de 1:25.000, nos 200 de Nelas, de 1992; 211 de Ervedal da Beira, de 1993; 210 de Santa Comba Dão, de 1993; e 199 de Tondela, de 1993, bem como o apoio da documentação antiga. Calcorreou-se todo o concelho, tendo alguns percursos sido realizados com malha apertada e incidido sobre as proximidades dos Monumentos Megalíticos, linhas de água, vales e sítios estratégicos e locais favoráveis à implantação e fixação humana de épocas remotas.

Este trabalho permitiu, não só a confirmação dos sítios arqueológicos, mas também a descoberta de novas estações, bem como a confirmação da destruição de outras.

Na elaboração deste roteiro apresenta-se ainda um pequeno enquadramento geográfico, enriquecido com uma foto alusiva à área de delimitação geográfica concelhia, procurando-se também caracterizar os aspectos mais relevantes do concelho.

A apresentação das estações arqueológicas segue uma ordem alfabética, independentemente da localização geográfica por freguesias, sendo aquelas inventariadas e agrupadas por uma ordem sequencial em três grandes períodos cronológico-culturais: Pré--história, Período Romano e Idade Média. Apresenta-se ainda uma pequena abordagem em jeito de retrospectiva histórico-cultural, no início de cada um daqueles períodos, sendo seguida de um mapa com a sinalização dos sítios arqueológicos que de imediato vão sendo enunciados nas páginas seguintes. No início de cada estação apresenta-se uma caixa com identificação do sítio, indicando-se o seu topónimo, a freguesia e as coordenadas UTM a partir da Carta Militar de Portugal (C.M.P.), à escala 1:25.000, além da altitude do lugar, que de seguida se irá descrever.

Por último, a Câmara Municipal de Carregal do Sal, sensível desde sempre às questões de preservação dos seus bens patrimoniais, nomeadamente do seu património histórico-arqueológico, e consciente da necessidade de suprir a carência de um elemento de informação prático, acessível e facilmente capaz de chegar ao conhecimento das populações do seu concelho, particularmente às camadas jovens e aos que o visitam, não podia deixar de apoiar incondicionalmente esta iniciativa e os seus objectivos, tornando assim possível a concretização deste documento informativo e pedagógico que, com toda a certeza, contribuirá de forma decisiva para o conhecimento, sensibilização e o desenvolvimento sócio-cultural do concelho. Finalmente, deixo aqui expressos os meus agradecimentos ao Dr. Luís Fernandes, pelos seus esclarecimentos, apoio e informações prestadas, ao Dr. Jorge Adolfo, à Dra. Fátima Eusébio, professores do Pólo de Viseu da

Universidade Católica Portuguesa, bem como à Dra. Ivone Pedro, por me terem apoiado na elaboração deste roteiro, e, como não podia esquecer, dirijo também a minha maior gratidão ao meu grande amigo Horácio Peixoto, que comigo e em todas as horas vagas me prestou uma grande ajuda e um enorme apoio nas inúmeras batidas de campo levadas a cabo neste concelho de Carregal do Sal.

Para encerrar esta parte introdutória, o concelho de Carregal do Sal, caminha a passos largos em direcção ao futuro, apostando decididamente no seu desenvolvimento integrado e harmonioso, onde as suas populações se sentem identificadas com uma região cujas raízes históricas e memórias se preocupam em valorizar e preservar.

***Fig. 2* – Lagar de azeite (Quinta particular), próximo da Capela de Santo Amaro.**

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O concelho de Carregal do Sal, é constituído por sete freguesias, ocupando uma área aproximada de 120,124 Km^2, com cerca de 12.000 habitantes. As freguesias são Beijós, Cabanas de Viriato, Currelos, Oliveira do Conde, Papízios, Parada e Sobral. Este concelho apresenta-se geograficamente implantado num amplo maciço antigo do planalto Beirão, que é predominantemente constituído por granitos, formando um território de morfologia relativamente amena, onde domina o planalto e que faz parte da chamada Plataforma do Mondego.

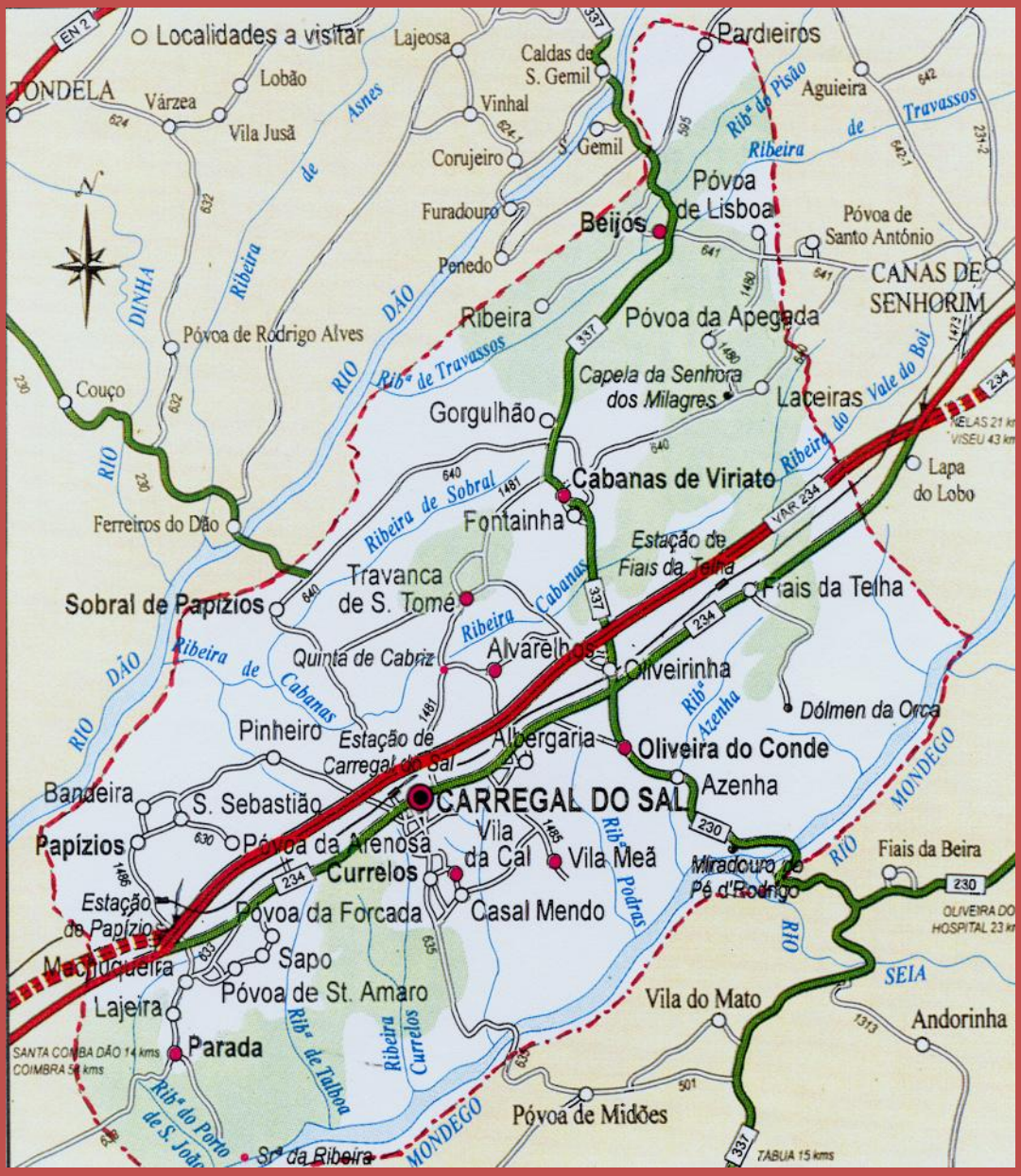
A plataforma corresponde a uma imensa superfície de aplanamento, encaixada entre a Serra da Estrela, a Este, e a Serra do Caramulo, a Oeste, e entalhada pelo Rio Mondego e seus afluentes, sendo o mais importante o Rio Dão.

Entre Nelas, Canas de Senhorim e o Carregal do Sal, as cotas médias situam-se em torno dos 443, 350 e 290 metros respectivamente, iniciando-se um declive gradual até atingir os cerca de 200 metros em Santa Comba Dão.

A zona envolvente é constituída por vales apertados do Dão e Mondego, sendo os pontos de maior cota ocupados por mantos de floresta (de pinheiro) e oliveiras em alguns socalcos. A caminhar para os vales mais importantes e em pontos de menor cota, pratica-se uma diversidade de culturas de regadio e, nas encostas suaves, o plantio da vinha que constituem os famosos vinhos do Dão e que são uma das grandes riquezas deste concelho.

O concelho de Carregal do Sal, goza ainda de uma situação geográfica e paisagística privilegiada, sendo atravessado pela linha férrea da Beira Alta, que o faz ligar a toda a rede ferroviária nacional e europeia. Igualmente a Estrada Nacional nº 234 e IC12, liga todo este concelho à rede viária nacional e internacional constituindo ainda hoje, um espaço privilegiado e aberto à instalação de indústrias e fixação humanas.

O Concelho de Carregal do Sal



Mapa extraído do desdobrável turístico do Carregal do Sal – Região de Turismo do Centro

AS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

NO CONCELHO DE CARREGAL DO SAL

A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

O vastíssimo património arqueológico existente no concelho de Carregal do Sal evidencia a presença de ocupação humana desde há vários milhares de anos. Esta afirmação advém da existência de mais de uma dezena de monumentos megalíticos que correspondem aos vestígios mais antigos de povoamento Pré-Histórico ou das primeiras comunidades que num momento do período neolítico por aqui se teriam inicialmente instalado e permanecido, mercê de condições favoráveis à sua fixação.

A Orca dos Fiais da Telha, com câmara poligonal e corredor longo, é um dos mais notáveis monumentos megalíticos do denominado "Grupo dolménico da Beira Alta" não só pela sua grandeza, mas também pelo local destacado na paisagem, e que, felizmente, se encontra em bom estado de conservação. Pese embora o facto de muitos destes monumentos se encontrarem semidestruídos, há porém, outros com idêntico valor patrimonial, que podem ser visitados, destacando-se a Orca do Outeiro do Rato, na freguesia de Oliveira do Conde e a Orca de Santo Tisco, na freguesia de Sobral.

Estes dólmens constituem sepulturas colectivas e eram construídos com a elevação de grandes pedras com as quais eram edificadas câmaras funerárias e corredores. A câmara era coberta com uma grande tampa ou chapéu, sendo do mesmo modo coberto o corredor, com lajes geralmente de granito que era a matéria base da sua construção, por ser muito abundante nesta região. Estes monumentos aparecem destapados com o decorrer do tempo, porque deles foram retiradas as pedras que constituíam a sua estrutura mas a sua cobertura original, constituída por pedras e terra que a envolviam totalmente, dava-lhes a configuração de pequena colina ou monte, daí lhe atribuírem também o nome de mamoas.

A maior parte destes dólmens ou monumentos megalíticos foram intervencionados pela equipa do Professor Doutor João Carlos Senna-Martinez, já atrás referenciada, sendo o seu espólio geralmente constituído por utensílios de uso quotidiano: machados de pedra polida em anfibolito, percutores, lâminas de sílex, micrólitos em sílex, pontas de seta em sílex, artefactos vários de cerâmica, por vezes decorados, e objectos de adorno de uso pessoal.

Para além destes dólmens, outros locais de ocupação remota foram identificados no decorrer da prospecção arqueológica e que poderão pertencer a um período cronológico-cultural posterior ou coevo da construção daqueles monumentos, como por exemplo, o Vale da Mena onde foram encontrados machados de anfibolito e cerâmicas fragmentadas

numa surriba para plantio de eucalipto, bem como a zona envolvente do habitat do Ameal, onde aparecem gravuras esculpidas na rocha, com motivos cruciformes e alguns antropomorfos, além de outros vestígios arqueológicos que foram encontrados no decorrer das batidas de campo neste local, como por exemplo uma mó movente e um machado de anfibolito.

Outros sítios de habitat tinham já sido também identificados pela equipa do PEABMAM, atestando a presença remota de ocupação humana, como o habitat das Carriceiras, na freguesia de Sobral, e o habitat calcolítico da Quinta Nova, na mesma freguesia, onde foi exumado, aquando das escavações arqueológicas, vário espólio, constituído por olaria fragmentada, elementos de mó manual fragmentados, percutores, lamelas em sílex e raspadores em quartzo, entre outros.

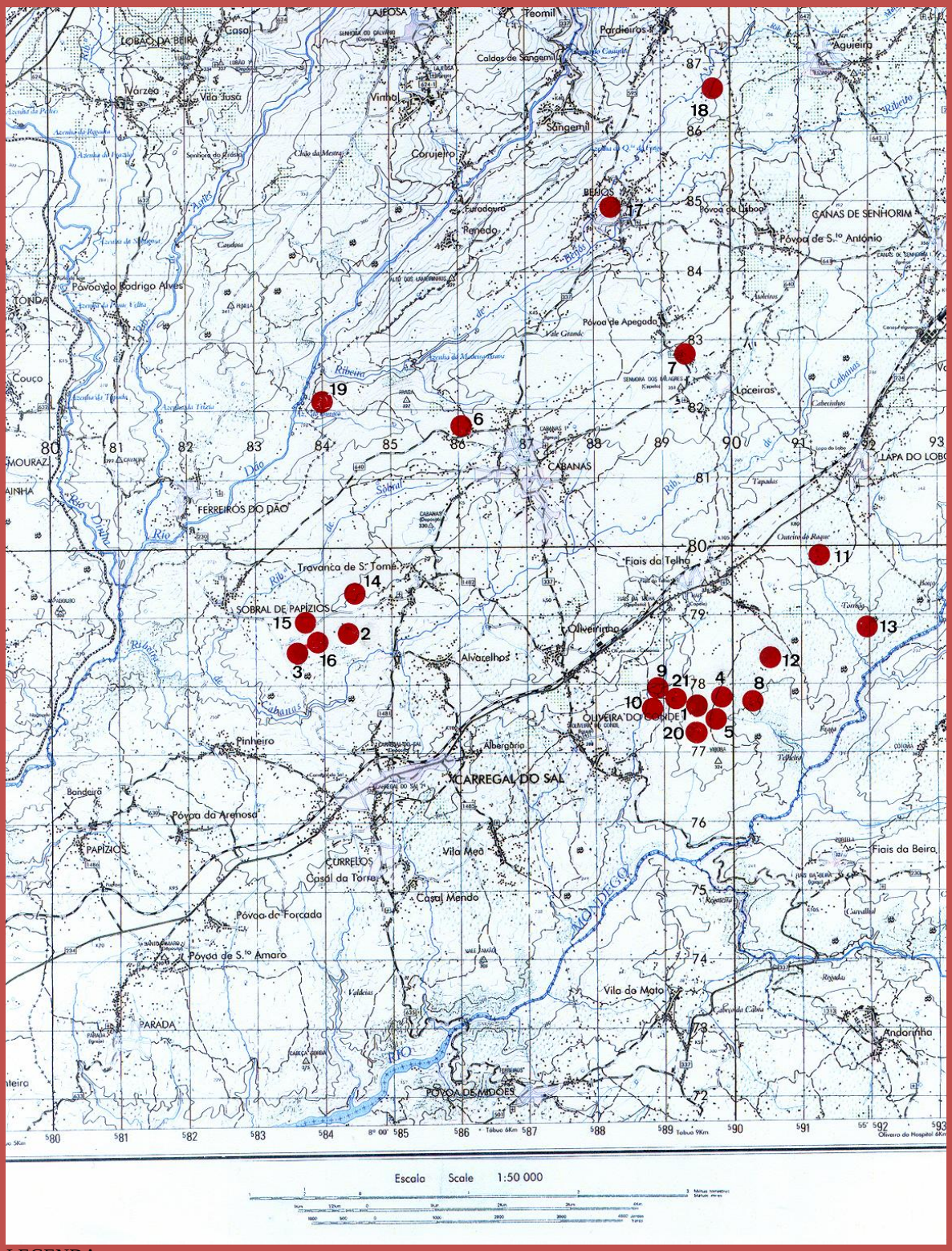
Da Idade do Bronze à Idade do Ferro outras estações arqueológicas atestam a continuidade de ocupação do espaço neste concelho, como é o caso do Outeiro dos Castelos e o sítio arqueológico da Malcata, na freguesia de Beijós, cuja cronologia é atribuível ao Bronze Final.

O resultado do estudo, efectuado às diversas estações arqueológicas, nesta área privilegiada da Plataforma do Mondego, que a seguir se inumeram, bem como a análise do espólio exumado, relativos aos vários momentos de ocupação do espaço (Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze), permitem-nos seguir de perto todo um trilho de imaginários, hábitos e costumes, vividos e sentidos por estas comunidades que nos levam a recuar ao IV e III milénios a.C..

Como seria a vida do dia-a-dia destas comunidades? Não é difícil imaginar que naquele tempo eram já habituais as práticas da transumância (cf. Senna-Martinez, 1996: 51-72), a ocupação sazonal destes sítios e uma alimentação diversificada com base na recolecção, em paralelo com as actividades da caça, agricultura, e fabrico de olaria.

***Fig. 3* - Fragmento de machado de anfibolito (recolhas de superfície – Ameal).**

PERCURSOS ARQUEOLÓGICOS PRÉ-HISTÓRICOS



LEGENDA:

1 – Habitat do Ameal
2 – Habitat das Carriceiras
3 – Habitat da Quinta Nova
4 – Orca 1 do Ameal
5 – Orca 2 do Ameal
6 – Orca 1 de Cabanas
7 – Orca 2 de Cabanas
8 – Orca dos Fiais da Telha
9 – Orca 1 de Oliveira do Conde
10 – Orca 2 de Oliveira do Conde
11 – Orca do Outeiro do Rato
12 – Orca do Santo
13 – Orca do Torreão
14 – Orca de Santo Tisco
15 – Orca de Travanca
16 – Orca do Valongo
17 – Outeiro dos Castelos
18 – Outeiro do Santo
19 – Sítio arq. da Malcata
20 – Vale da Mena
21 – Vale da Orca

1 – HABITAT DO AMEAL

LUGAR: Ameal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 896777

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 317 metros

O acesso faz-se através de um caminho de terra batida que parte do campo de futebol dos Fiais da Telha em direcção à Orca dos Fiais e Ameal, conforme sinalização existente. O habitat fica do lado direito do caminho, próximo da Orca 1 e 2 do Ameal.

O Sítio do Habitat do Ameal, localiza-se numa zona de pinhal e numa vertente suave, sobranceira a uma área de regadios na parte sul, onde predominam algumas linhas de água e ribeiras. Dista cerca de 600 metros para ocidente da Orca dos Fiais da Telha e relativamente próximo das Orcas 1 e 2 do Ameal.

Trata-se de um amplo espaço de ocupação humana atribuído aos finais do período calcolítico. Nas campanhas do PEABMAM de 1987 e seguintes, foram exumados inúmeros objectos arqueológicos e identificados vários pisos de cabanas e estruturas de lareiras.

O espólio arqueológico recolhido compõe-se de fragmentos de olaria, elementos de adorno em pedra verde, pontas de seta em sílex, lâminas e lamelas em sílex, enxós, machados em anfibolito, além de moventes e dormentes de mó manual.

Fig. 4 **- Dormente de mó e moventes de mó manual Ameal (recolhas de superfície).**

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1994: 85-86;
- SENNA-MARTINEZ, 1995/1996: 83-122.

2 – HABITAT DAS CARRICEIRAS

LUGAR: Carriceiras

FREGUESIA: Sobral

COORD.: UTM 29 TNE 843788

C.M.P.: 210 Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 278 metros

O acesso é feito através do caminho florestal que parte da povoação de Travanca de S. Tomé em direcção a Carriceiras.

Trata-se de um habitat do período neolítico, localizado num pequeno cabeço aplanado, a uma altitude de 278 metros, sobranceiro ao vale da ribeira de Cabanas e aproximadamente a 1 km em linha recta para sudeste da povoação de Travanca de S. Tomé, ficando também próximo das orcas de Santo Tisco e de Travanca.

Segundo os estudos efectuados ao sítio arqueológico pela equipa do PEABMAM, nas campanhas de 1991 a 1993, e, ao espólio recolhido (lamelas, olaria fragmentada, raspadores e restos de talha em sílex e quartzo), este local teria tido uma ocupação atribuível ao neolítico de "tradição antiga".

***Fig. 5* - Aspecto da intervenção arqueológica de 1993 e da destruição provocada pelo eucaliptal.**

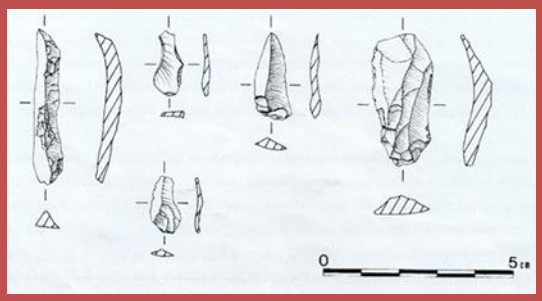


***Fig. 6* – Alguns materiais líticos talhados do Habitat do neolítico antigo das Carriceiras.**
(Extraída do Catálogo da Exposição *Por Terras de Viriato- Arqueologia da Região de Viseu* – 2000)

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1994: 235-240;
- SENNA-MARTINEZ e ESTEVINHA, 1994: 55-61.

3 – HABITAT DA QUINTA NOVA

LUGAR: Quinta Nova

FREGUESIA: Sobral

COORD: UTM 29 TNE 834785

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 277 metros

O seu acesso é feito pela estrada que sai de Carregal do Sal para Sobral de Papízios. Antes de chegar a esta povoação corta-se à direita, no cruzamento e segue-se a estrada para Travanca de S. Tomé. O sítio fica à direita da estrada, junto ao cruzamento.

***Fig. 7* - Área do Habitat da Quinta Nova.**

***Fig. 8* - Aspecto geral da intervenção de 1992.**

O habitat da Quinta Nova situa-se numa pequena rechã, sobranceira à Ribeira de Cabanas e a 300 metros, em linha recta, da Orca do Valongo.

O espólio recolhido na campanha de escavações do PEABMAM de 1992 (olaria fragmentada, elementos de mó manual fragmentada e percutores), permitiu enquadrar a sua ocupação num momento cronológico cultural entre 4700-3900 B.P.

No decorrer das batidas de campo foram recolhidos, na área envolvente, vários fragmentos de cerâmica, de uso doméstico, sem decoração.

***Fig. 9* - Materiais da Cabana 2 do Habitat da Quinta Nova** (Foto extraída do Catálogo da Exposição *Por Terras de Viriato- Arqueologia da Região de Viseu* – 2000).

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1993: 23-26.

4 – ORCA 1 DO AMEAL

LUGAR: Ameal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 897776

C.M.P.: 211, Ervedal da Beira, 1993

ALTITUDE: 321 metros

O acesso é feito pelo caminho de terra batida que sai do campo de futebol dos Fiais da Telha em direcção ao Ameal. A Orca situa-se à beira do caminho, do lado esquerdo, próximo do habitat do Ameal.

Pequeno monumento megalítico, localizado numa zona planáltica, tendo a sul o Rio Mondego e a noroeste a Ribeira da Azenha. É constituído por uma câmara poligonal simples, sem corredor nem laje de cobertura, orientado a leste. Apresenta ainda um esteio de cabeceira, três no quadrante sul e quatro no lado norte. Este dólmen encontra-se semi--destruído.

***Fig. 10* – Orca 1 do Ameal.**

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 15;
- VENTURA, 1994: 31-42;
- VENTURA, 1997: 5-16.

5 – ORCA 2 DO AMEAL

LUGAR: Ameal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 897775

C.M.P.: 211, Ervedal da Beira, 1993

ALTITUDE: 316 metros

O acesso é feito nas mesmas condições da Orca 1 do Ameal, ficando situado a 75 metros para sul-sudoeste desta orca, do lado esquerdo do caminho.

***Fig. 11* – Orca 2 do Ameal (vista de Norte para Sul).**

Dólmen de pequenas dimensões, localizado numa área aplanada do Ameal, com fossa de violação acentuada. São ainda visíveis alguns esteios na câmara, bastante fracturados. A mamoa teria dez metros de diâmetro.

No verão de 1992 a equipa do PEABMAM recolheu, durante as limpezas, «alguns detritos de talha em sílex e quartzo», tendo nas campanhas seguintes recolhido diverso espólio que aponta para «o 1º quartel do IV milénio a.C.» a construção do monumento.

***Fig. 12* – Orca 2 do Ameal (vista de Este para Oeste.**

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 15-16;
- VENTURA, 1994: 241-243;
- VENTURA, 1995/1996: 271-276.

6 – ORCA 1 DE CABANAS

LUGAR: Gorgulhão

FREGUESIA: Cabanas de Viriato

COORD: UTM 29 TNE 862817

C.M.P.: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 285 metros

Situa-se num pequeno pinhal junto ao cruzamento do Bairro do Gorgulhão, a norte de Cabanas de Viriato e à beira da estrada que vem de Sobral de Papízios.

Monumento megalítico, parcialmente destruído, podendo apenas observar-se o que resta da mamoa e um único esteio que seria da câmara.

***Fig. 13* – Orca 1 de Cabanas (vista de Norte para Sul).**

***Fig. 14* – Orca 1 de Cabanas (vista de Norte para Sul).**

Apresenta um enorme fosso de violação e parte da mamoa foi destruída aquando da construção da estrada que liga Beijós a Sobral de Papízios. Na altura foram descobertos «fragmentos cerâmicos e restos de percutores» pela equipa do PEABMAM.

***Fig. 14* – Orca 1 de Cabanas (vista de Sul para Norte).**

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 14.

7 – ORCA 2 DE CABANAS

LUGAR: Campo de futebol da Póvoa da Pegada
FREGUESIA: Cabanas de Viriato
COORD: UTM 29 TNE 892829
C.M.P.: 199, Tondela, 1992
ALTITUDE: 350 metros

O acesso é feito através da estrada que sai da Póvoa da Pegada em direcção ao campo de futebol.
A mamoa situa-se numa rechã, em zona de pinhal, junto da beira do caminho, do lado direito e para Norte da Senhora dos Milagres.

Mamoa parcialmente destruída, da qual restam apenas indícios da sua estrutura tumular.

***Fig. 15* – Orca 2 de Cabanas (vista geral).**

O monumento teria sido destruído aquando das obras de terraplanagem do campo de futebol. Na altura a equipa do PEABMAM recolheu vários fragmentos de cerâmica.

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 14.

8 – ORCA DOS FIAIS DA TELHA

LUGAR: Lapa da Orca
FREGUESIA: Oliveira do Conde
COORD.: UTM 29 TNE 902778
C.M.P.: 211, Ervedal da Beira, 1993
ALTITUDE: 313 metros

O acesso faz-se seguindo a estrada que parte para o campo de futebol de Fiais da Telha. Contornando o campo, a Sul, avista-se uma placa que dá a indicação do dólmen.

Monumento megalítico, localizado no Planalto do Ameal, aproximadamente a 1,5 km para sudeste da povoação dos Fiais da Telha.

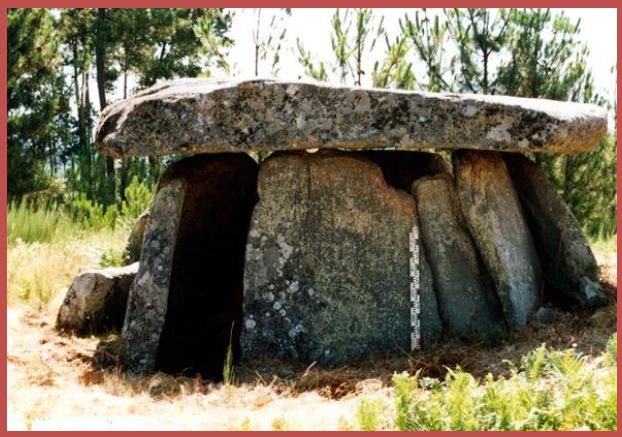


***Fig. 16* – Dólmen da Orca ou Orca dos Fiais da Telha**

Tem a Sul o Rio Mondego e a noroeste a Ribeira da Azenha, estando inserido num espaço estratégico e paisagístico em relação a todo o flanco Norte e Sul daquele rio. Trata-se de um dos monumentos mais belos e melhor conservados desta região, apresentando uma câmara poligonal com nove esteios e corredor alongado, com sete esteios no quadrante norte e oito no quadrante sul. Possui ainda uma grande laje de cobertura e uma outra que fecha o desnível para o corredor. Este monumento estaria envolvido por uma mamoa com cerca de 16 metros de diâmetro. O espólio encontrado no decorrer das intervenções arqueológicas efectuadas pela equipa do PEABMAM de 1986 a 1988, é constituído por geométricos em sílex, lamelas e pontas de seta em sílex, colar de contas em xisto, contas de colar em pedra verde, cerâmicas várias atribuídas ao neolítico, calcolítico e Bronze Final.

Cronologicamente o monumento poderá inserir-se no V milénio B.P.

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1989a: 388-411;
- SENNA-MARTINEZ, 1989b: 83-97;
- SENNA-MARTINEZ e VENTURA, 1993: 15-16.

9 – ORCA 1 DE OLIVEIRA DO CONDE

LUGAR: Orca

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 891778

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 299 metros

O acesso é feito através do caminho já indicado para o Ameal, distando a Orca a cerca de 800 metros, para oeste, deste lugar.

Fig. 17 **– Orca 1 de Oliveira do Conde também Conhecida por Orca da Palheira (vista do quadrante Norte).**

Monumento megalítico, albergado numa palheira, estando neste momento em ruínas. Sofreu alterações ao longo dos tempos motivadas pela aplicação dos seus elementos constituintes em novas funções.

Trata-se de um dólmen de câmara poligonal, com cerca de 2,5 metros de diâmetro e corredor alongado, localizado num planalto a cerca de 1 km para oeste da Orca dos Fiais da Telha. Por estar incorporado numa palheira, também se designa por Orca da Palheira.

Fig. 18 **– Orca 1 de Oliveira do Conde (vista do quadrante Este).**

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1989a;
- SENNA-MARTINEZ, 1989b: 83-87;
- MOITA, 1966: 261;
- VENTURA, 1993: 14.

10 – ORCA 2 DE OLIVEIRA DO CONDE

LUGAR: Orca

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 891779

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 305 metros

O acesso é idêntico à Orca 1 de Oliveira do Conde, distando a cerca de 400 metros desta, para Nordeste.

Monumento localizado no topo da vertente sul da Ribeira da Azenha, constituído por uma mamoa com 20 metros de diâmetro e 2 metros de altura. Apresenta uma profunda fossa de violação na área da câmara e corredor.

***Fig. 19* - Aspecto geral da mamoa, vista na direcção Sul-Norte.**

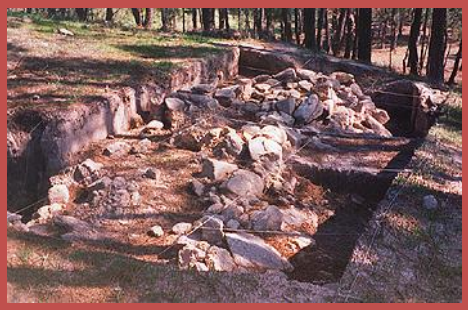


***Fig. 20* - Intervenção arqueológica de 1996.**

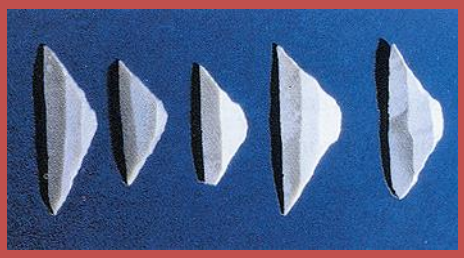


***Fig. 21* - Materiais das deposições da câmara** (Foto extraída do Catálogo da Exposição *Por Terras de Viriato – Arqueologia da Região de Viseu*, 2000).

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1989a;
- SENNA-MARTINEZ, 1989b: 83-87;
- VENTURA, 1993: 15;
- VENTURA, 1995/1996: 277-279.

11 – ORCA DO OUTEIRO DO RATO

LUGAR: Lajes

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 913799

C.M.P.: 211, Ervedal da Beira, 1993

ALTITUDE: 323 metros

O seu acesso faz-se através de um caminho fazendeiro que sai da E.N. 234, cortando-se à esquerda, logo à saída da Lapa do Lobo.

Trata-se de um monumento megalítico localizado aproximadamente a 1 km para Sudeste da freguesia da Lapa do Lobo, numa área planáltica, e em zona de pinhal.

O monumento é constituído por uma câmara poligonal e corredor longo, com cerca de 7,5 metros. A câmara seria constituída por nove esteios, apresentando, neste momento, apenas quatro, tendo sofrido várias violações ao longo dos tempos. Actualmente o corredor tem nove esteios de cada lado perdurando ainda uma das lajes de cobertura. É também visível parte da mamoa que cobria todo o monumento, a qual teria uns 18 metros de diâmetro.

Segundo o espólio recolhido nas campanhas de 1986 a 1988 pela equipa do PEABMAM (Senna-Martinez e Rosa Maria C. Amaro), teria tido dois momentos de utilização: o primeiro corresponderia ao «V milénio B.P., e o segundo aos inícios da Idade do Bronze».

***Fig. 22* – Orca do Outeiro do Rato.**

Bibliografia:

- CRUZ, 1903: 812;
- VENTURA, 1993: 17-19;
- SENNA-MARTINEZ, 1989a;
- SENNA-MARTINEZ, 1989b: 83-97.

12 – ORCA DO SANTO

LUGAR: Santo

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 906784

C.M.P.: 211, Ervedal da Beira, 1993

ALTITUDE: 319 metros

O acesso efectua-se por caminho de terra batida que sai do campo de futebol dos Fiais da Telha, cortando-se à esquerda na primeira bifurcação de caminhos.

Mamoa completamente destruída, apresentando fossas profundas de violação. Os esteios e lajes de cobertura foram retirados do local para utilização e destino desconhecidos.

Localiza-se a 250 metros da Quinta do Santo e a 500 metros para Sul do campo de futebol dos Fiais da Telha.

***Fig. 23* – Orca do Santo (vista do quadrante Oeste).**

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 17.

13 – ORCA DO TORREÃO

LUGAR: Torreão

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 919789

C.M.P.: 211, Ervedal da Beira, 1993

ALTITUDE: 296 metros

O acesso é feito por caminho florestal que sai da Orca do Outeiro do Rato em direcção ao Rio Mondego, distando cerca de 1 km, para Sueste, daquela orca.

Trata-se provavelmente de um pequeno monumento megalítico, que teria sido destruído pelas máquinas quando se procedia à surriba do local para plantio de eucaliptos.

No decorrer das batidas de campo foi possível ainda ver pedras que poderiam pertencer a alguns esteios da câmara e corredor.

O sítio situa-se no topo do planalto, designado por Torreão, sobranceiro à vertente norte do Rio Mondego.

***Fig. 24* – Orca do Torreão (aspecto geral da Destruição).**

***Fig. 25* – Orca do Torreão (provável esteio da câmara ou corredor).**

Bibliografia: Inédita.

14 – ORCA DE SANTO TISCO

LUGAR: Malha Pão

FREGUESIA: Sobral

COORD.: UTM 29 TNE 844794

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 308 metros

O acesso é efectuado pelo caminho florestal que sai de Travanca de S. Tomé para Sobral de Papízios. Na primeira bifurcação de caminhos, vira-se à direita, e segue-se até aos afloramentos graníticos. A anta fica do lado esquerdo do caminho, num eucaliptal.

Monumento megalítico localizado aproximadamente a 500 metros da povoação de Travanca de S. Tomé.

Trata-se de um dólmen que, apesar de se encontrar semidestruído, ainda apresenta a câmara e pequeno corredor.

Na câmara são visíveis quatro esteios e no corredor dois esteios laterais, e uma pedra de cobertura. Num dos esteios existe uma pintura a vermelho que corresponde à representação de um sol.

Todo o monumento é envolvido por uma mamoa com cerca de 8 metros de diâmetro.

***Fig. 26* – Orca de Santo Tisco.**

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 13;
- SENNA-MARTINEZ e VENTURA, 1994: 245-247;
- SENNA-MARTINEZ, 1994: 43-54.

15 – ORCA DE TRAVANCA

LUGAR: Quinta da Orca

FREGUESIA: Sobral

COORD: UTM 29 TNE 838789

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 296 metros

O acesso é feito através do caminho que sai de Travanca de S. Tomé, em direcção à Quinta Nova. O monumento encontra-se à beira do caminho, do lado direito, antes de se chegar ao cruzamento que vai para Sobral de Papízios.

Monumento megalítico situado numa rechã junto à vertente sul-sudeste da Ribeira de Sobral e a cerca de 1,5 km para Este da povoação de Sobral de Papízios. Foi totalmente destruído com as surribas para plantio de eucaliptal. No ano de 1990 a equipa do PEABMAM fez recolhas de superfície, tendo sido recuperados utensílios em pedra polida, nomeadamente dois martelos de anfibolito, restos de talhe em quartzo leitoso, fragmentos de duas pontas de projéctil em sílex e lascas em sílex retocadas.

A nível da câmara foram ainda exumadas grandes quantidades de fragmentos de cerâmica manual.

***Fig. 27* – Orca de Travanca (vista geral da destruição).**

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 11-14.

16 – ORCA DO VALONGO

LUGAR: Valongo

FREGUESIA: Sobral

COORD: UTM 29 TNE 836786

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 274 metros

O acesso é feito pela estrada que sai de Carregal do Sal para Sobral de Papízios. Antes de se chegar a esta povoação corta-se, no cruzamento, à direita, para Travanca de S. Tomé. A orca fica do lado direito da estrada, a pouco mais de 300 metros do habitat da Quinta Nova.

Trata-se de uma pequena mamoa, localizada numa vertente suave sobranceira à Ribeira de Cabanas e aproximadamente a 500 metros para sudoeste da Orca de Travanca. Foi totalmente destruída em época não determinada, apresentando actualmente uma grande fossa de violação na parte central.

***Fig. 28* – Orca do Valongo (vista geral das últimas intervenções arqueológicas).**

No reconhecimento do monumento foi possível recolher vários fragmentos de cerâmica, sem decoração.

***Fig. 29* – Materiais da Orca do Valongo**
(Foto extraída do Catálogo da Exposição *Por Terras de Viriato – Arqueologia da Região de Viseu*, 2000).

Bibliografia:

- VENTURA, 1993: 11.

17 – OUTEIRO DOS CASTELOS

LUGAR: Outeiro dos Castelos

FREGUESIA: Beijós

COORD.: UTM 29 TNE 882849

C.M.P.: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 272 metros

Acede-se a este local através da estrada que vai de Beijós a S. Gemil, cortando-se à esquerda quase à saída da povoação e antes de se chegar à ponte sobre a Ribeira de Beijós.

O sítio arqueológico do Outeiro dos Castelos localiza-se junto à povoação de Beijós, no ponto mais elevado, ficando encaixado na confluência da Ribeira de Travassos com a Ribeira de Beijós.

Fig. 30 **– Outeiro dos Castelos - vertente Sul.**

Fig. 31 **– Fragmentos de cerâmica brunida (recolhas de superfície).**

As escavações realizadas pela equipa do PEABMAM, na última década, permitiram recolher inúmeros fragmentos de cerâmica brunida, que apontam para uma ocupação atribuível ao Bronze Final.

No decorrer das batidas de campo e do reconhecimento deste local, constatou-se a abertura e alargamento do antigo caminho, verificando-se a destruição de uma possível estrutura de lareira e do espaço provável de uma cabana.

Nas terras escuras arrastadas pela máquina para os lados do caminho, foi possível recolher inúmeros fragmentos de cerâmica brunida, de cor castanha-clara, alguma decorada. Entre os muitos fragmentos desta olaria, contam-se diversos bordos e arranques de asa.

Fig. 32 **– Fragmentos de cerâmica decorada (recolhas de superfície).**

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1994: 253-262;
- SENNA-MARTINEZ, 1995/1996: 285-292.

18 – OUTEIRO DO SANTO

LUGAR: Lapão ou Ribeirinha

FREGUESIA: Beijós

COORD.: UTM 29 TNE 897866

C.M.P.: 200, Nelas, 1992

ALTITUDE: 290 metros

O acesso é realizado através da estrada da Aguieira-Beijós. No segundo caminho a seguir a uma vinha corta-se à direita. Seguindo este caminho de pinhal, paralelo à vinha, corta-se à esquerda por outro caminho de pinhal. O sítio fica próximo da Ribeira do Pisão, junto das ruínas de um moinho.

No caminho do flanco de encosta noroeste, do Outeiro do Santo, numa vertente próxima e sobranceira à Ribeira do Pisão e, a cerca de uma centena de metros dum cabeço, situado a Norte, na margem esquerda desta ribeira, encontrou-se um fragmento de machado de anfibolito, que tudo leva a crer, ter sido posto a descoberto pela escorrência da água das chuvas.

***Fig. 33* – Fragmento de machado de anfibolito.**

Este local, também conhecido por Lapão ou Ribeirinha, é uma área agricultada e constituída por inúmeros arretos, de aparelho muito antigo, antes de se atingir o vale. Ali existe um moinho em ruínas e várias palheiras que outrora tiveram uso e ocupação.

Calcorreada toda a zona não foram detectados outros vestígios arqueológicos.

Bibliografia: Inédita.

19 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA MALCATA

LUGAR: Malcata

FREGUESIA: Beijós

COORD.: UTM 29 TNE 837821

C.M.P.: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 253 metros

O acesso é efectuado por caminho florestal que liga a povoação de Lage de Felgar a antigas azenhas, próximo da confluência do Dão com Ribeira de Beijós. O sítio fica a sul deste caminho e muito próximo deste.

O sítio arqueológico da Malcata localiza-se num planalto ocupado por pinhal e eucaliptos, a cerca de 253 metros de altitude, distando a cerca de 5 km do Outeiro dos Castelos, havendo contacto visual entre estas duas estações arqueológicas.

O local deste sítio arqueológico foi profundamente surribado pelas máquinas para plantio de eucaliptal. Em 1990 a equipa do PEABMAM procedeu ao estudo e à recolha dos materiais removidos pelas máquinas, tendo aparecido, de entre os materiais recolhidos, barro de revestimento de uma possível lareira, o qual poderia corresponder aos restos de uma habitação ou cabana e vários fragmentos de cerâmica, além de um fragmento de dormente de mó manual. O espólio exumado aponta para uma ocupação deste local no Bronze Final.

***Fig. 34* – Vista geral do sítio arqueológico da Malcata.**

Bibliografia:

- SENNA-MARTINEZ, 1993: 149-154.

20 – VALE DA MENA

LUGAR: Vale da Mena/Ameal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 894773

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 306 metros

O acesso é feito através do caminho que serve o Ameal e que sai do campo de futebol de Fiais da Telha até à ponte nova de Azenha.
O sítio arqueológico fica do lado direito do caminho, a cerca de 200 metros para Ocidente das gravuras do Ameal.

O sítio arqueológico do Vale da Mena corresponde a uma área surribada, recentemente concluída, para plantio de eucaliptal, ficando localizado numa encosta suave, sobranceira à ribeira da Azenha, da qual dista cerca de 800 metros para Ocidente, tendo a este as gravuras do Ameal.

No decorrer das batidas de campo foram encontrados à superfície três fragmentos de machados de anfibolito, dois deles fracturados, e inúmeros fragmentos de cerâmica comum e resto de talhe em sílex.

As cerâmicas recolhidas apresentam semelhanças em relação às encontradas na área do habitat do Ameal.

***Fig. 35* – Artefactos vários de recolhas de superfície.**

No quadrante noroeste existe um afloramento granítico, no qual se detectou uma lagareta, em forma grosseiramente circular.

***Fig. 36* – Lagareta do Vale da Mena.**

Bibliografia: Inédita.

21 – VALE DA ORCA

LUGAR: Orca/Ameal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD.: UTM 29 TNE 893777

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 300 metros

O acesso é realizado da mesma forma que o efectuado para o habitat do Ameal, tendo que se andar a pé, pelo mesmo caminho, cerca de mais 200 metros até à área surribada.

O Vale da Orca corresponde à continuidade do Habitat do Ameal, ficando localizado numa encosta suave, sobranceira à Ribeira da Azenha, provavelmente com ocupação coetânea à do Habitat do Ameal, em virtude da similitude dos vestígios arqueológicos ali encontrados e da curta distância que separa estas duas estações arqueológicas.

No decorrer das batidas de campo foram recolhidos restos de talhe em sílex, lascas e núcleo discóide em sílex, além de uma mó manual fracturada. Ainda naquele espaço, circunscrito a uma pequena área, foram encontrados vários fragmentos de cerâmica sem decoração, muito idênticos aos do Habitat do Ameal e um fragmento de machado de anfibolito. O local faz parte de uma área mais vasta, recentemente surribada para plantio de eucaliptal.

Fig. 37 **- Fragmento de mó manual (recolhas de superfície).**

Fig. 38 **- Fragmento de machado de anfibolito e artefactos líticos de recolhas de superfície.**

Bibliografia: Inédita.

A OCUPAÇÃO ROMANA

Os Romanos iniciaram a conquista da Península Ibérica em 218 a.C., com o primeiro desembarque e invasão da cidade de Ampúrias (actual Catalunha), na sequência e contexto das Guerras Púnicas que moviam contra os Cartagineses. Seguiram-se, *grosso modo*, dois séculos de intensas lutas, nas quais também viriam a envolver-se os povos lusitanos, iniciando-se, no ano 194-193 a.C., o primeiro encontro armado contra o exército romano em Alcalá Del Rio.

Esta região da Beira Alta ou Beira Central, segundo Jorge de Alarcão (1989: 305--314) foi dividida pelos Romanos em duas *civitates*, sendo Viseu e Bobalela as suas sedes. O actual território do concelho de Carregal do Sal viria a fazer parte da *civitas* de Viseu, sendo localizado, provavelmente, já no seu limite sul. O mesmo autor (1989: 305), refere que «a *civitas* de Viseu abrangia as terras mais altas, do Caramulo ao Mondego, se não mesmo até à Estrela; tinha, a norte, a fronteira natural do Montemuro. A sul, porém, não havia linha de alturas que a separasse de Bobadela; a fronteira, desde o Guardão ao Mondego, há-de ter sido imaginada, traçada talvez por Nandufe, Beijós e Canas de Senhorim; daí, poderia subir o rio até Abrunhosa-a-Velha (...)». A este propósito, a actual freguesia de Beijós, possui uma importante estação arqueológica romana, que poderá ter sido ocupada nos finais do século I, ou, princípios do século II d.C., em virtude do aparecimento de uma lápide funerária, provavelmente do tempo de Trajano, encontrada no lugar de Chãs (Silvestre, 1976: 133-134). Este local, devido à sua importância e valor patrimonial, foi minuciosamente estudado tendo sido feito um levantamento exaustivo dos vestígios arqueológicos ali ainda conservados e um levantamento topográfico da área envolvente.

Duas outras estações arqueológicas, atribuíveis à época romana, foram descobertas, respectivamente, no local de Vale do Rio e na Quinta da Sobreira (antiga quinta do Sr. Nicolau Ferraz), ambas na freguesia de Oliveira do Conde. Na primeira, eventualmente ligada às actividades piscatórias, dada a proximidade com o Rio Mondego, foram encontrados vários fragmentos de *tegulae* e *imbrices* e tijoleiras de pavimento de habitação daquela época, bem como vários fragmentos de cerâmica de uso doméstico. Este local teria sido destruído aquando do alargamento e reparação do caminho que dá acesso às quintas próximas do Rio Mondego, bem como pela prática de surribas. Na segunda estação arqueológica, foram localizados e identificados vários materiais arqueológicos romanos, nomeadamente tégulas, fragmentos de cerâmica comum, pesos de tear e mós manuais

romanas. Dadas as características do local, este sítio arqueológico poderá corresponder a uma *villa* romana e ter contribuído para o estabelecimento e origem da actual vila de Oliveira do Conde. A propósito desta estação arqueológica, não podia deixar de aqui agradecer ao Sr. José Todela e ao seu primo José Manuel Ferraz Trindade, as preciosas informações prestadas sobre este local, bem como a simpatia e disponibilidade com que fomos recebidos.

Fig. 39 **– Inscrição romana localizada na Póvoa de Midões.**

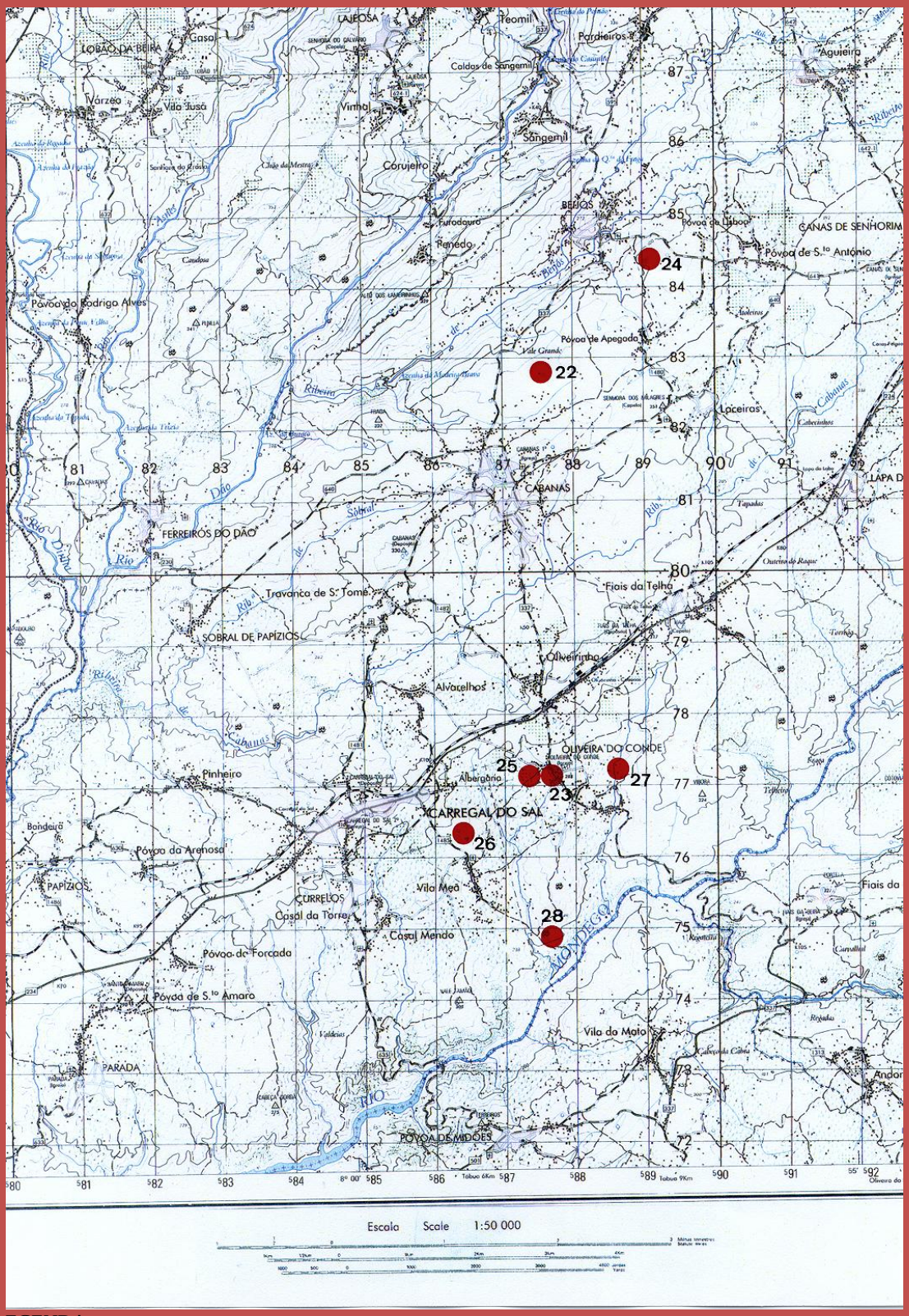
Por outro lado (Marques, 1986: 13-14), refere ainda a existência de uma antiga via romana, que passava nos limites da Azenha e por terras de Currelos, indo até à ponte do Caldeirão, no Rio Mondego. Aquela via seguiria para Midões e Bobadela e depois para a Serra da Estrela. Este autor refere também a existência de uma pedra de granito epigrafada, que daquela ponte antiga foi retirada e depois colocada na parede de um edifício, à beira da rua principal, na Póvoa de Midões. A referida pedra epigrafada possui, segundo José Cardim Ribeiro (1983/83: 191-199), a seguinte inscrição: «IMP(*eratori*). TITO. VIII. CO(*n*)S(*uli*)/FONTEM. AEDIFICAVIT./ SEVERVS. VITVLI. F(*ilius*)». Esta inscrição poderá ser datada entre 80 d. C. e 81 d. C. (Ribeiro, 1982/83: 193). Apesar de vários autores considerarem tratar-se da menção a uma ponte (PONTEM), segundo Ribeiro (1982/83: 191-199), na segunda linha da inscrição deve ler-se FONTEM e não PONTEM.

Para além destas indicações, Moreira de Figueiredo (1952: 325-327 e 1953: 38-39), refere também a existência de vários troços romanos neste concelho, nomeadamente em Sobral de Papízios, Pinheiro, Carregal do Sal, bem como a existência do antigo troço que vinha de Tábua a Currelos e que seguia depois para a antiga ponte do Caldeirão.

Fig. 40 **- Rio Mondego, próximo da antiga ponte do Caldeirão.**

Por último, importa sublinhar que para além da inscrição rupestre localizada a norte de Cabanas de Viriato (Vaz e Fernandes, 1997), foi também localizado um marco miliário no lugar de Vale Touro, junto ao antigo caminho que liga Albergaria a Vila Meã, e outro na freguesia de Oliveira do Conde, não tendo sido, até à data, detectados outros vestígios de romanização.

PERCURSOS ARQUEOLÓGICOS ROMANOS



LEGENDA:

22 – Inscrição rupestre de Cabanas de Viriato

23 – Marco miliário anepígrafo de Oliveira do Conde

24 – Sítio arqueológico de Chãs

25 – Sítio arqueológico da Quinta da Sobreira

26 – Sítio arqueológico de Vale Touro

27 – Troço romano/medieval da Azenha

28 – Vale do Rio

22 – INSCRIÇÃO RUPESTRE DE CABANAS DE VIRIATO

LUGAR: Cimalhas

FREGUESIA: Cabanas de Viriato

COORD: UTM 29 TNE 876828

C.M.P.: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 334 metros

O acesso é efectuado por caminho de pinhal que sai do extremo norte da freguesia, em direcção ao Vale das Pinhas e Cimalhinhas. Ao chegar ao segundo cruzamento de caminhos, cortar à esquerda, por caminho de pinhal. A inscrição localiza-se num rochedo mais destacado, a cerca de 100 metros para nordeste de uma palheira em granito.

Fig. 41 **- Penedo da Moira ou Lapa da Moira**

A inscrição rupestre de Cabanas de Viriato, fica localizada no Penedo da Moira ou Lapa da Moira, lugar de Cimalhas, numa zona planáltica, envolvida por denso pinhal, junto a outros afloramentos graníticos e no extremo do quadrante norte da povoação de Cabanas de Viriato.

Trata-se de um penedo destacado na paisagem, o qual alberga, na sua face norte, sob um abrigo natural, a seguinte inscrição: VIIGIITO TVSGI (*filio*)/ CALVMIIDI [...]. A inscrição, segundo os estudos efectuados por Inês Vaz e Luís Fernandes (1997) apresenta dificuldades de leitura devido às fracturas existentes no granito e ao desaparecimento de várias letras no campo epigráfico, provocado pela acção dos agentes erosivos. No entanto, os autores, após várias deslocações ao local, admitem tratar-se, na

leitura da primeira linha, do «antropónimo de *Vegetus* em dativo (...), cujo cognome é de origem latina (...), sendo frequente, na Lusitânia, onde se documenta sobretudo em meios indígenas (...), e de *Tusgus* em genitivo, certamente como patronímico». Assim, para estes autores, o indivíduo documentado na linha um, apresenta uma estrutura onomástica de tipo peregrino, usando *Vegetus* como nome único, seguido do patronímico *Tusgi*, podendo estes ser oriundos de um estrato indígena. Na segunda linha os autores sugerem, como mera hipótese de trabalho, a leitura da palavra *Calumedi*[*us*...?], como antropónimo, não encontrando paralelo para esta palavra, ao nível da onomástica. Ainda na opinião daqueles autores, a inscrição poderá corresponder a uma dedicatória funerária a *Vegetus*.

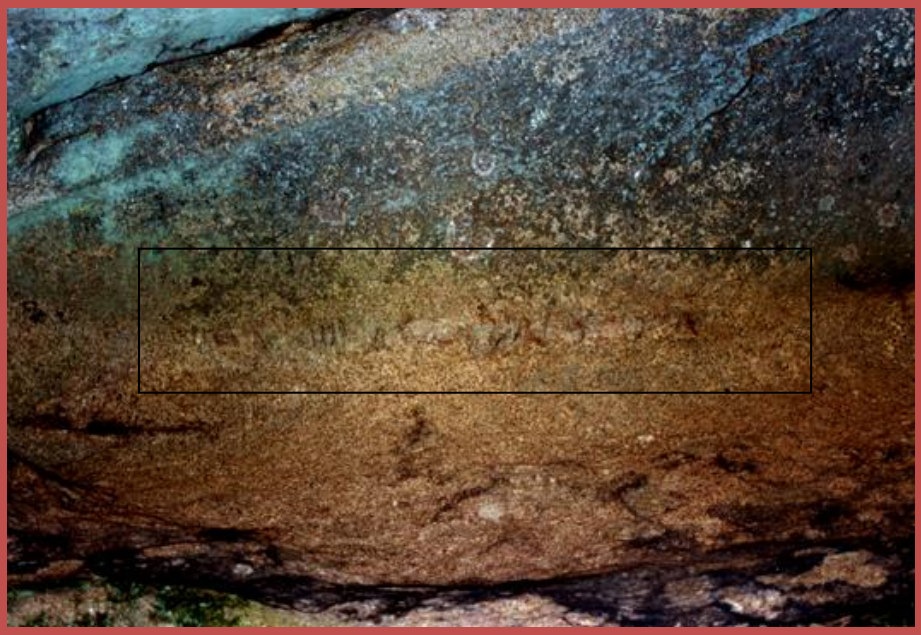


Fig. 42 **- Campo epigráfico do Penedo da Moira.**

Bibliografia:

- VAZ e FERNANDES, 1997.

23 – MARCO MILIÁRIO ANEPÍGRAFO DE OLIVEIRA DO CONDE

LUGAR: Oliveira do Conde

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 874772

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 295 metros

O acesso é efectuado através do caminho que sai do Pelourinho de Oliveira do Conde para a casa da quinta do Sr. Nicolau e Quinta da Sobreira. O marco encontra-se junto às escadas de uma casa em granito, antes de se chegar ao caminho de terra batida.

Trata-se de um provável marco miliário, anepígrafo, com cerca de 1,2 metros de altura, o qual pertenceria a uma via romana que passaria próximo dali. A parte inferior, não visível, está enterrada a cerca de 30-40 cm de profundidade, apresentando-se a parte superior do marco bastante afunilada em virtude das características do granito e do desgaste provocado pelos agentes erosivos.

A área envolvente é constituída por casario com aparelho muito antigo, ficando este marco relativamente próximo da estação arqueológica romana da Quinta da Sobreira e perto da casa do Sr. José Manuel Ferraz Trindade.

Actualmente este possível marco miliário serve de suporte a uma caixa de correio.

***Fig. 43* – Marco miliário anepígrafo de Oliveira do Conde.**

Bibliografia: Inédita

24 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CHÃS

LUGAR: Chãs

FREGUESIA: Beijós

COORD: UTM 29 TNE 891843

C.M.P: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 306 metros

Acede-se a este local pela estrada de Canas de Senhorim-Beijós, cortando-se à esquerda, antes do cemitério da povoação, por caminho de pinhal. A estação arqueológica começa logo após o aparecimento de uma alminha, junto a uma bifurcação de caminhos.

Fig. 44 **- Sítio arqueológico de Chãs.**

O sítio arqueológico de Chãs localiza-se a 800 metros em linha recta, para Sueste de Beijós. Está implantado numa zona planáltica, no interior de propriedade aberta e compartimentada por variados muros, formando, por vezes, socalcos, para suporte de terras. É delimitado a Noroeste pelo lugar com o topónimo de Quelhas, o lugar de Riachas no quadrante Oeste e Milrego a Sul. A área é constituída por pinhal nas zonas de maior cota e ocupada por olival e vinha à medida que nos aproximamos da linha de água, junto a Milrego. A zona envolvente é predominantemente granítica, sendo alguns pequenos afloramentos visíveis neste sítio arqueológico.

Neste local, na década de setenta, foi encontrada, por um agricultor, uma lápide funerária dedicada a *Aurelius [His]panianus*, por sua mulher *Albura* (Silvestre, 1976: 133-134), e desde essa altura este local foi praticamente votado ao abandono.

No decorrer da prospecção de campo, foi possível verificar estar-se perante um espaço arqueológico com importante valor científico e patrimonial que poderá contribuir para o estudo do povoamento rural romano e medieval na área da *civitas* de Viseu.

Perante as actuais circunstâncias e a reduzida informação bibliográfica sobre este sítio arqueológico, efectuaram-se outros registos arqueológicos, no sentido de se preservar o máximo de informação possível sobre aquele local. Deste modo, procedeu-se ao levantamento topográfico da área e ao registo e localização dos materiais dispersos pela superfície do terreno. O registo fotográfico poderá contribuir futuramente como um elemento de reflexão e identificação e deixar uma imagem daquilo que poderia ter sido um habitat da época romana, com testemunhos de continuidade de ocupação do espaço no período medieval.

***Fig. 45* - Mó romana inserida num dos muros.**

Com uma área de cerca de 200x200 metros, ocupada essencialmente por olival e vinha, na qual se pratica uma agricultura tradicional de permeio, este sítio arqueológico forma um declive gradual de Norte para Sul, sendo provavelmente esta a razão principal que esteve na origem da construção de vários muros para suporte de terras, evitando assim o arrastamento dos solos para níveis de cotas inferiores que se acentuam à medida que se caminha para a linha de água situada a Sul.

É provável que no passado, em época não definida, este local tenha sofrido algumas alterações ao nível dos seus traços físicos, aquando da construção daqueles muros, porquanto, alguns deles, integram elementos arquitectónicos, provavelmente de derrubes ou de ruínas de antigas habitações do local, como fustes fracturados, soleiras de porta, pedras aparelhadas e outros materiais de uso quotidiano, como mós manuais, agora fracturadas, além de variadíssimos fragmentos de cerâmica de construção de dimensões variáveis espalhados pelos muros. Alguns destes muros poderão *grosso modo* corresponder e assentar no alinhamento de estruturas de alguns alicerces de primitivas construções ou de outros muros anteriormente existentes, em virtude de uma dessas estruturas com cerca de 10 metros de comprimento por 30 de largura (cota 303.97), de

direcção Norte-Sul, não ter sido utilizada para nenhuns dos fins já citados e ter ficado visível ao nível do solo.

As observações efectuadas na superfície do terreno permitiram também visualizar, inúmeros fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, fragmentos de *dolia* e de cerâmica comum de uso doméstico. Nos pequenos afloramentos graníticos foram, ao longo dos tempos, para limpeza dos terrenos, também depositados os mesmos tipos de materiais, nos quais ainda se vieram a encontrar alguns fragmentos de pesos de tear. Estes materiais fragmentados serviram também de entulho, há algumas décadas atrás, no arranjo dos caminhos próximos do local, havendo também relatos de autênticas pilhagens ao sítio arqueológico, incluindo mós manuais, fustes e pedras aparelhadas, além do aparecimento de várias moedas romanas.

Prosseguindo-se a observação a este sítio arqueológico, o espaço rochoso coberto de silvas e que alberga as duas sepulturas escavadas na rocha do período medieval, localizadas a escassos metros da palheira junto ao caminho principal (cota média 298.33), manteve, como tudo indica, o seu perfil original conservado e inalterado até aos dias de hoje.

Por outro lado, foram também identificadas três pias escavadas na rocha e uma lagareta, tendo esta última, ficado de fora do perímetro de levantamento topográfico, bem como uma das pias mais a sul situada no meio do pinhal junto a uma palheira. A lagareta é circular e mais elaborada e situa-se junto à segunda palheira do lado direito do caminho principal, sensivelmente por baixo dos fios de alta tensão. As restantes pias estão localizadas junto de ruínas de antigas habitações (cotas 308.29 e 302.38).

De salientar que o mais importante achado encontrado neste sítio arqueológico e que se encontra devidamente salvaguardado no Pólo de Viseu da Universidade Católica Portuguesa, foi uma lápide funerária epigrafada (fig. 48), provavelmente de pedra de Ançã. Osvaldo Silvestre (1976:133-134), refere na sua publicação que a lápide foi encontrada por um agricultor que ali trabalhava e que estava enterrada a cerca de 60 cm de profundidade. Mais tarde Hermínio Marques (1986:90-3), fez também referência à lápide, bem como a cerâmicas várias «tégulas, tijolos e ânforas», encontradas no local.

Três anos volvidos, José d'Encarnação (1989: 315-319), no I Colóquio Arqueológico de Viseu, refere: «De Beijós, Carregal do Sal, chega-nos *Albura*, (...), Lusitana de nome, que desposa um membro da bem latina *gens Aurelia* e manda erguer para ambos (pelo menos) um mausoléu, cuja sumptuosidade facilmente se depreende da clássica e exuberante riqueza decorativa (...)». Refira-se que, segundo Fernandes (1996:

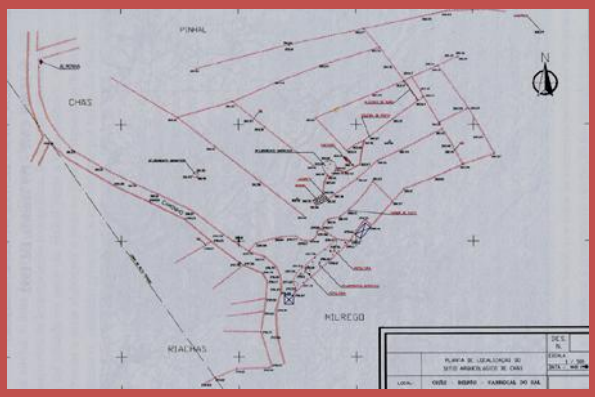
94), esta placa «é de um tipo raro na Lusitânia, sendo provavelmente oriunda de uma oficina da capital provincial».

Tendo pois em conta a observância destes registos bem como a globalidade dos vestígios ainda ali existentes, não restava outra opção que não fosse a do recurso a esta iniciativa, tendente a prevenir o apagamento do passado e a contribuir para evitar a degradação e a ruptura deste património arqueológico.

O sítio arqueológico de Chãs, é um lugar dignamente sugestivo e místico, onde, por entre as inúmeras pedras ali existentes, se sente e reconhece a presença de ocupação do passado humano.

Fig. 46 **- Fragmento de peso de tear.**

Fig. 47 **- Fragmentos de cerâmicas.**



Levantamento topográfico do sítio arqueológico de Chãs (in Pinto, 2000).

Fig. 48 **– Placa funerária de Chãs.**

Bibliografia:

- SILVESTRE, 1976:133-134; ALARCÃO, 1988b: 63, nº 4/253; ALARCÃO, 1989: 305-314; ENCARNAÇÃO, 1989: 315-319; MARQUES, 1995: 37-42; FERNANDES, 1996: 88-94; PINTO, 1998: 428; PINTO, 2000: 245-259.

25 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA QUINTA DA SOBREIRA

LUGAR: Quinta da Sobreira

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 874772

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 295 metros

O acesso realiza-se através da estrada que sai junto do Pelourinho de Oliveira do Conde em direcção à Malhoa/Malhô ou Cabecinha da Branca. A estação arqueológica fica situada do lado direito do caminho de terra batida, dentro da própria quinta, em zona de olival e vinha.

No decorrer de prospecções recentes e por informações fornecidas pelo Sr. José Todela, a residir em Lisboa, a quem estou muito grato, fui localizar e identificar, na antiga quinta do Sr. Nicolau Ferraz, uma considerável área com vestígios arqueológicos romanos, nomeadamente, abundantes fragmentos de tégulas e cerâmicas comuns e um conjunto de pesos de tear e mós manuais romanas, entretanto já recolhidas no decorrer das lavras anuais, pelo Sr. José Manuel Ferraz Trindade e seu falecido avô, Sr. Nicolau Ferraz.

A actual Quinta da Sobreira corresponde à antiga quinta dos Buxeiros, ou Quinta do Sr. Nicolau Ferraz, hoje separada da casa solarenga que outrora dela fazia parte integrante.

***Fig. 49* – Quinta da Sobreira**

Esta Quinta estende-se por uma enorme área virada a Nascente, localizada numa vertente suave, tendo a Sul o Rio Mondego e muito próxima do antigo núcleo medieval de Oliveira do Conde, do qual ainda restam importantes vestígios.

A presença romana na Quinta da Sobreira poderá corresponder, portanto, a uma exploração rural intimamente relacionada com a origem do actual aglomerado urbano de Oliveira do Conde.

***Fig. 50* - Conjunto de mós manuais romanas.**

Bibliografia: Inédita.

26 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE VALE TOURO

LUGAR: Vale Touro/Vila Meã
FREGUESIA: Oliveira do Conde
COORD: UTM 29 TNE 863763
C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993
ALTITUDE: 297 metros

O acesso é efectuado através do caminho velho fazendeiro que parte próximo do cemitério de Vila Meã em direcção a Albergaria. A estação arqueológica fica a cerca de 50 metros para Norte da linha de água, à beira do caminho.

O sítio arqueológico de Vale Touro fica localizado numa vertente suave, sobranceira à Ribeira das Poldras, que lhe fica a 600 metros para Nordeste. A área envolvente é uma zona agrícola abandonada e coberta de silvas, atravessada por uma linha de água a Sul. Tem a Norte a povoação de Albergaria e a Sul Vila Meã. No decorrer das prospecções de campo, junto à beira do caminho, foi identificado um marco miliário anepígrafo, em granito de grão fino, em posição horizontal, com cerca de 1,2 metros de comprimento, possivelmente já fracturado na base, bem como uma coluna ovalada, posicionada na vertical, uma soleira de porta e uma pedra em granito, que serviria de caleiro de águas. Estes elementos teriam sido utilizados para a construção do muro que veda a propriedade agrícola, que por sinal é a única agricultada. Saliente-se que Vaz (1979: 188-189) faz referência a dois marcos miliários que tinham sido localizados pelo Sr. Dr. José Alberto Marques Borges.

Fig. 51 **- Marco miliário anepígrafo.**

No entanto, segundo a observação efectuada no local, parece-nos que só um deles será um marco miliário. Este, estará, *grosso modo*, posicionado no antigo troço romano que passava por Currelos, Oliveira do Conde, bifurcando-se para a Azenha, seguindo depois para Póvoa de Midões (Vaz, 1979: 188-189).

Fig. 52 **- Aspecto geral dos vestígios arqueológicos.**

Bibliografia: VAZ, 1979: 188-189.

27 – TROÇO ROMANO/MEDIEVAL DA AZENHA

LUGAR: Azenha

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 886772

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 250 metros

O acesso é efectuado através da estrada que sai de Oliveira do Conde em direcção a Azenha. Junto à nova ponte que atravessa a Ribeira da Azenha, segue-se o caminho paralelo à Ribeira, cerca de 200 metros, para Norte.

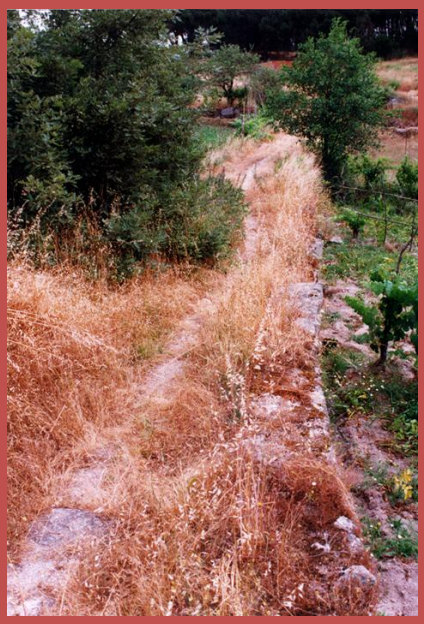


***Fig. 53* - Vista geral do troço, próximo da Laja da Igreja/Hortas.**

Provável troço de calçada romana, com utilização e alterações do Período Medieval, localizado a Norte da Azenha e para Sul de Alagoas, tendo a pouco mais de 100 metros para Ocidente a Laja da Igreja onde se encontram sepulturas medievais e um núcleo de habitações em granito, já abandonadas. Constituiria, com grande probabilidade, parte da rede viária subsidiária do traçado principal que passaria por Oliveira do Conde e Currelos, seguindo depois para a antiga ponte do Caldeirão (rio Mondego) em direcção a Bobadela.

***Fig. 54* - Ponte sobre a Ribeira da Azenha, a 200 m para sul do anterior troço.**

Bibliografia:

- FIGUEIREDO, 1952: 325-327; FIGUEIREDO, 1953: 38-39; VAZ, 1979: 181-197; MARQUES, 1986: 13-14.

28 – VALE DO RIO

LUGAR: Vale do Rio

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 876748

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 200 metros

O acesso efectua-se através de um caminho florestal que sai de Vila Meã em direcção ao Vale do Rio. O sítio fica do lado direito do caminho, a cerca de 600 metros, em linha recta, para Norte do Rio Mondego.

O sítio arqueológico de Vale do Rio fica localizado numa área de eucaliptal sobranceira ao Rio Mondego, mais concretamente, no seu flanco de encosta Norte, do qual dista cerca de 600 metros. Tem a Norte a Ribeira da Azenha e o local possui uma boa visibilidade para o rio, que lhe fica ali próximo, a Sul. A zona foi totalmente surribada para plantio de eucaliptal, tendo sido possível efectuar a recolha de vários materiais cerâmicos, nomeadamente fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, bem como fragmentos de tijoleira de pavimento de habitação e de cerâmicas comuns de uso doméstico. Os materiais arqueológicos recolhidos poderão, como tudo indica, corresponder a uma ocupação do local na época romana. Actualmente a área de maior concentração de vestígios encontra-se totalmente tapada com silvas.

***Fig. 55* - Vista geral do sítio arqueológico.**

Bibliografia: Inédita.

A ÉPOCA MEDIEVAL

Do período medieval existem cerca de três dezenas de sepulturas escavadas na rocha, dispersas por todo o concelho e que, cronologicamente, segundo a maioria dos autores, se poderão enquadrar entre os séculos IX e XIII. Algumas destas sepulturas rupestres aparecem agrupadas em verdadeiras necrópoles como são os casos dos cinco túmulos em Cabanas de Viriato, localizados a Norte da igreja e cemitério paroquial, além dos três túmulos em Vila Meã, situados no pinhal, surgindo as restantes sepulturas em conjuntos de duas ou isoladas.

Este tipo de vestígios arqueológicos foi já referenciado e estudado por Jorge Marques (1995: 37-42) e por Catarina Tente e Sandra Lourenço (1998: 191-218).

Na opinião de diversos autores (cf. Marques, 1995: 217-233) estes túmulos são um dos muitos e mais importantes testemunhos materiais de práticas funerárias do Período Medieval e poderão estar relacionados com o processo da reconquista e do repovoamento do território naquele período. É ainda um assunto em discussão visto não estarem totalmente esclarecidos os motivos que levaram o homem medieval a enveredar por este tipo de túmulos, que por vezes se encontram muito isolados.

Entretanto, existem várias explicações, havendo autores (Marques, 1995) que defendem que essa situação se deve à ausência de lugares próprios para os enterramentos e à própria dispersão do povoamento antes da organização das paróquias. A própria instalação de comunidades eremíticas, a partir do século XII, seria também responsável por grande parte da construção destes túmulos rupestres.

Deste período fomos ainda descobrir no local do Passal (S. Sebastião), freguesia de Currelos, um belíssimo exemplar de estela medieval, de cabeceira de sepultura, com configuração discóide, e decoração com rosácea de quatro pétalas. Esta estela está inserida nas paredes de uma palheira ali localizada, e teria servido como elemento de reconstrução da mesma. Poderá subentender-se ter existido uma necrópole medieval junto àquela antiga capelinha e esta ter sido deslocada do seu local original para o local actual. Assim, os seus elementos primitivos teriam sido reutilizados na reconstrução daquela palheira e nos muros de pedra aparelhada que a rodeiam, colocando-se a hipótese, segundo os materiais encontrados, de ter ali existido um antigo núcleo ou habitat romano, com provável continuidade de povoamento daquele espaço no Período Medieval.

Ainda deste período, conservam-se em todas as aldeias pertencentes às sete freguesias deste concelho os aglomerados de traça bastante antiga, com a rusticidade que lhes é habitual, dignamente expressivos, formando núcleos rurais servidos por ruas bastante estreitas, como era característico daquela época e os quais, obrigatoriamente, nos fazem recuar àquele tempo.

Da época tardo-Medieval e Moderna, principalmente a partir dos séculos XVI-XVII e XVIII, todo o espaço que hoje constitui o Concelho de Carregal do Sal foi sendo dividido em propriedades de médias e grandes dimensões, "governadas" por ricas e influentes famílias. Esta nobreza rural foi, a par da Igreja, a grande obreira da quantidade e diversidade de património arquitectónico existente, nomeadamente os seus solares, casas solarengas e património artístico que enriquecem este concelho.

Estes solares, em grande número, surgem, na maior parte das vezes, integrados em frondosas quintas muradas, possuindo uma enorme riqueza estética e artística, constituindo assim um elemento fundamental de atracção turística e de marca na paisagem.

Fig. 56 **- Fonte (quinta particular em Papízios).**

A importância histórica e ancestral deste concelho está bem documentada nas fontes escritas medievais, como é o caso dos Forais atribuídos por D. Dinis a Oliveira do Conde e que, segundo Pinto Leal, foi concedido em 1286, seguindo-se-lhe um novo Foral em 1516, pelo rei D. Manuel.

Para além destes documentos, já em 1258 as Inquisições de D. Afonso III (P.M.H., Inq. p. 815-816) fazem referências várias às povoações que actualmente constituem este concelho, destacando-se alguns registos, que passo a citar:

«De Ulveiyra de Conde – Laurencius Nuniz, judex de Ulvaria de Conde, juratus super Sancta Evangelia et interrogatus de patronatu ecclesie Sancti Petri de Villa de Conde, dixit quod parrochiani presentaverunt semper et presentant ipsi ecclesie.

D. Menendi, de Ulvaria, dixit similiter (...), Johannes Gunçalvi similiter dixit (...), de Ulvaria de Conde, juratus et interogatus de regalengis Regis, dixit,

quod Dominus Rex, habet in villa de Ulvaria de Conde, VI casalia de sexta de parte et vino et lino e de leguminibus; et, si haberuerit porcum, debet dare corazil; et pectant de homicidio XXX morabitinos et de plaga XV morabitinos et cetera alia que pectant et sanant.

Et dixit quod Rex alias hereditates forarias de jugata, in Ulvaria et in Travanca, in deest termino de Ulvaria, de quibus habet VII modios de pane terciato».

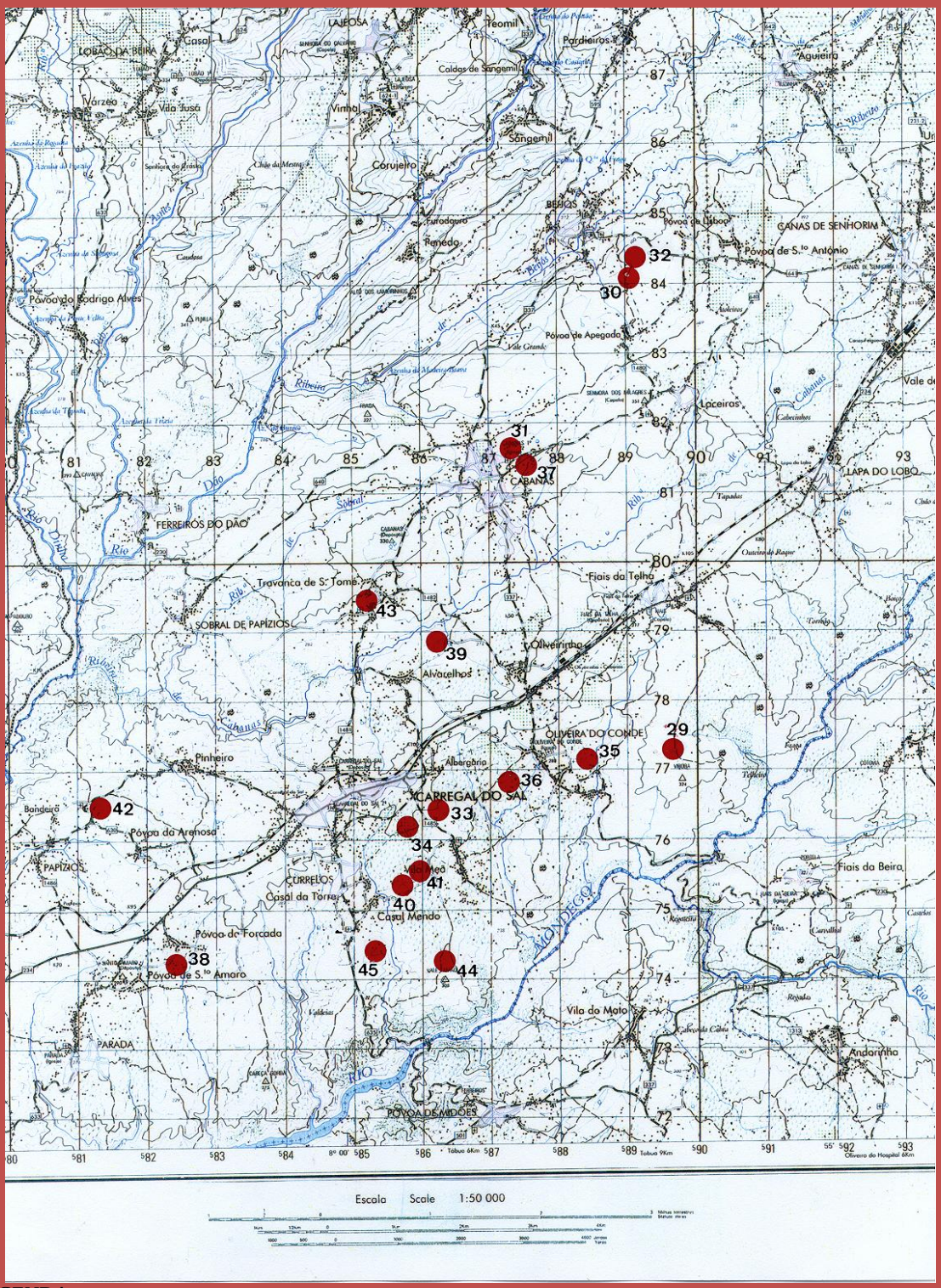
De igual modo, sobre Vila Meã, as mesmas testemunhas referem que ***«Dominus Rex habet, in Villa Mediana, termino de Ulvaria de Conde, VI casalia de sexta similiter, et dat quilibet de eyradiga I sextarium de secunda et I caponem et III alqueires de tritico de fogaza et corazil, si habuerit porcum (...).***

Item dixit quod Dominus Rex habet, in Ulvaria de Conde et in suo termino, octo Caballarias, scilicet, in Ulvaria de Conde II^{as}, in Villa Mediana I^{a}, in Alvarelius I^{a}, in Travanca II^{a}, in Cabanas I^{a}, in Beagios I^{a}.».

Existem ainda alguns vestígios materiais (nomeadamente o aparelho das habitações) em Alvarelhos, Beijós, Cabanas de Viriato, Currelos, Oliveira do Conde, Papízios, Travanca de S. Tomé e Vila Meã, que atestam, em paralelo com estes registos, a existência e a organização destas comunidades de aldeia, no Período Medieval.

Fig. 57 **- Aquário (quinta particular em Papízios).**

PERCURSOS ARQUEOLÓGICOS MEDIEVAIS



LEGENDA:

29 – Gravuras do Ameal
30 – Lagareta de Riachas
31 – Necrópole Cabanas Viriato
32 – Sepulturas de Chãs
33 – Sepultura de Albergaria
34 - Sepultura do Amieiro
35 – Sepulturas da Laja da Igreja
36 – Sepulturas da Malhoa
37 – Sepultura do Passal
38 – Sepulturas do Penedo da Moita
39 – Sepulturas da Quinta da Aveleira
40 – Sepulturas da Quinta da Moura
41 – Sepulturas da Cova da Moura
42 – Sepulturas do Lugar de S. Sebastião
43 – Sepultura de Travanca de S. Tomé
44 – Sepultura das Cumeadas
45 - Sítio Arq. do Passal

29 – GRAVURAS DO AMEAL

LUGAR: Ameal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 896772

C.M.P.: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 321 metros

O acesso realiza-se através de um caminho de terra batida que sai do campo de futebol dos Fiais da Telha em direcção ao Ameal. As gravuras ficam a 300 metros para Sul da Orca 2 do Ameal, do lado direito do caminho que segue para a Víbora, em dois afloramentos graníticos, logo a seguir ao primeiro cruzamento de caminhos.

***Fig. 58*- Gravuras do Ameal.**

Conjunto de gravuras, podendo ultrapassar uma centena, localizadas em dois afloramentos graníticos distintos, situados nas proximidades da zona do Ameal e do lado direito do caminho que dá acesso à Víbora. São, na sua maioria, gravuras com motivos cruciformes, de dimensões variáveis simétricas em relação ao seu eixo principal, por vezes concentradas e com direcções irregulares. No topo de um dos afloramentos foram destacados, a título de amostra, algumas figurações, podendo tratar-se de antropomorfos (cf. Fig. 4).

A Beira Alta é bastante rica em gravuras rupestres similares, muitas das quais se inserem no simbolismo pré-histórico (Rodrigues, 1997: 53-65). Tendo em conta tais paralelos, no caso do Ameal poder-se-á estar em presença de manifestações de culto, cujo simbolismo e cronologia não se podem determinar com rigor de momento, mas que poderão, algumas delas, ser atribuíveis a épocas mais recentes, (vide Silva, 1978: 177, com exemplares idênticos).

Bibliografia: Inédita.

30 – LAGARETA DE RIACHAS

LUGAR: Riachas/Chãs

FREGUESIA: Beijós

COORD: UTM 29 TNE 890841

C.M.P: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 306 metros

O acesso é efectuado nas mesmas condições do sítio arqueológico de Chãs, ficando a lagareta situada junto à última palheira, do lado direito do caminho, sensivelmente por debaixo dos fios de alta tensão.

Trata-se de uma lagareta em granito, de forma circular, com aproximadamente 1,20 metros de diâmetro. Tem um sulco em toda a volta, que desemboca numa extremidade afunilada, provavelmente para escoamento de mosto. Localiza-se à beira do caminho que vem de Chãs, junto a uma palheira também localizada do lado direito do mesmo caminho. Os fios de alta tensão passam sensivelmente por cima da lagareta e da palheira. De salientar ainda que este local continua a apresentar vestígios de romanização, tudo levando a crer estarmos perante o prolongamento de Chãs, em virtude da curta distância (cerca de 300 metros) que separa aqueles lugares.

***Fig. 59* – Lagareta de Riachas.**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 90-93;
- PINTO, 2000: 245-259.

31 – NECRÓPOLE DE CABANAS DE VIRIATO

LUGAR: Passal

FREGUESIA: Cabanas de Viriato

COORD: UTM 29 TNE 873815

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 327 metros

Acede-se a este local por um caminho que passa atrás do cemitério da freguesia.
As sepulturas situam-se num afloramento granítico mesmo atrás do referido cemitério.

O núcleo de túmulos rupestres de Cabanas de Viriato constitui o maior conjunto deste tipo de sepulturas no concelho de Carregal do Sal.

***Fig. 60* – Conjunto de quatro sepulturas.**

São ainda visíveis cinco sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, em dois afloramentos graníticos distintos.

Ficam localizados atrás do cemitério da povoação, numa zona de encosta suave, e todas se destinariam a pessoas adultas.

A destruição progressiva do local, motivada por factores vários, teve como consequência directa o desaparecimento de outras sepulturas que existiam naqueles afloramentos graníticos.

***Fig. 61* – Sepultura isolada.**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 37-42;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 191-218.

32 – SEPULTURAS DE CHÃS

LUGAR: Chãs/Milrego/Riachas

FREGUESIA: Beijós

COORD: UTM 29 TNE 891843

C.M.P: 199, Tondela, 1992

ALTITUDE: 306 metros

O acesso é efectuado pela estrada de Canas de Senhorim-Beijós. Antes de se chegar ao cemitério da povoação, corta-se à esquerda, por um caminho de pinhal, até ao cruzamento de caminhos que tem uma alminha. As sepulturas situam-se junto de uma palheira, à direita do caminho.

O núcleo de sepulturas escavadas na rocha de Chãs localiza-se num pequeno afloramento granítico, a cerca de 10 metros para Norte da palheira que fica à beira do caminho. O local onde estão inseridas apresenta vestígios de ocupação romana, como já foi referenciado.

Os dois túmulos são antropomórficos, com ombros e pés de cantos arredondados. Atendendo ao comprimento das sepulturas (1,84 e 1,90 metros) depreende-se que ambos se destinaram a adultos. Estão grosseiramente orientados para Norte. O sítio que alberga estes túmulos encontra-se coberto de silvas.

***Fig. 63* – Sepultura do quadrante Norte.**

***Fig. 62* – Sepultura do quadrante Sul.**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 37;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 194.

33 – SEPULTURA DE ALBERGARIA

LUGAR: Mata dos Alqueves

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 862765

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 297 metros

O acesso é efectuado pelo caminho velho que sai de Albergaria para Vila Meã. A sepultura fica situada a cerca de 100 metros para o lado direito deste caminho, em terreno de pinhal.

Sepultura antropomórfica, com marcas de destruição acentuada, localizada à beira de um caminho, no lugar a que também chamam de "Vinagreira". Mede cerca de 1,80 metros de comprimento, por 0, 45 metros de largura.

Foi-nos dito que outros exemplares existiram nas imediações deste pinhal, tendo já sido destruídas.

Feito um reconhecimento à área, não foram detectados outros túmulos.

***Fig. 64* – Sepultura de Albergaria (evidenciando as marcas de destruição).**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 38-39;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 194.

34 – SEPULTURA DO AMIEIRO

LUGAR: Amieiro/Vila Meã

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 859761

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 298 metros

O acesso é efectuado pela estrada que sai de Vila Meã para Albergaria. Ao chegar-se às últimas casas do lado esquerdo corta-se pelo caminho que dá para o Amieiro. A sepultura encontra-se a 300 metros da estrada, à beira do caminho.

Sepultura antropomórfica, parcialmente destruída, localizada mesmo à beira do caminho de pinhal, a Norte de Vila Meã, que vai dar ao Amieiro, e, à esquerda, para Vila da Cal.

Está implantada numa vertente muito suave, a cerca de 300 metros da estrada que vem de Vila Meã para Albergaria. Mede cerca de 1,90 metros de comprimento por 0,46 metros de largura.

Devido à sua localização, a sepultura está parcialmente destruída.

***Fig. 65* – Sepultura do Amieiro.**

Bibliografia:

- TENTE e LOURENÇO, 1998: 193.

35 – SEPULTURAS DA LAJA DA IGREJA

LUGAR: Laja da Igreja/Hortas

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 883771

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 287 metros

O acesso faz-se tomando a estrada que passa ao lado do cemitério de Oliveira do Conde, cortando-se à direita no primeiro cruzamento.
Ao chegar-se ao lugar que chamam Laja da Igreja ou Hortas, desce-se o caminho que conduz à Ribeira da Azenha.

Trata-se de duas sepulturas antropomórficas, localizadas no lugar denominado por Laja da Igreja ou Hortas, numa zona de encosta, próximas de um caminho fazendeiro, que desce em direcção à Ribeira da Azenha.

***Fig. 66* – Sepultura situada no lado esquerdo do caminho.**

Os túmulos medem cerca de 1,80 metros de comprimento por 0,45 metros de largura e estão situados próximo de antigas ruínas de habitações.

Uma das sepulturas situa-se no interior do pinhal, a cerca de 30 metros do caminho, do lado direito, e a outra situa-se à beira do mesmo caminho, do lado esquerdo, distando uma da outra cerca de 50 metros.

***Fig. 67* – Sepultura situada no lado direito do caminho em terreno de pinhal.**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 40;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 194-195.

36 – SEPULTURAS DA MALHOA

LUGAR: Malhoa/Malhô

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 871768

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 285 metros

O acesso é efectuado por caminho fazendeiro que sai de Oliveira do Conde em direcção à Ribeira das Poldras.
As sepulturas distam cerca de 600 metros da povoação, situando-se do lado esquerdo do caminho, em terreno de pinhal.

O núcleo de sepulturas da Malhoa localiza-se numa zona de encosta sobranceira à Ribeira das Poldras, numa área de pinhal e a cerca de dez metros, do lado esquerdo do caminho que segue para esta ribeira.

Este núcleo é constituído por uma sepultura antropomórfica de grandes dimensões, com cerca de 2 metros de comprimento e bastante profunda, fazendo lembrar uma dupla tumulação. A segunda sepultura é ovalada, com cerca de 0,80 metros de comprimento, tudo levando a crer, devido à sua pequena dimensão, ser destinada a uma criança.

***Fig. 68* – Sepultura de maiores dimensões (Malhoa).**

***Fig. 69* – Sepultura de menores dimensões (Malhoa).**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 40-41;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 195.

37 – SEPULTURA DO PASSAL

LUGAR: Passal

FREGUESIA: Cabanas de Viriato

COORD: UTM 29 TNE 873814

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 301 metros

O acesso é efectuado através de um caminho que sai das traseiras da Igreja Matriz de Cabanas de Viriato. A sepultura fica a cerca de 200 metros para Nordeste e junto a um jardim.

Sepultura antropomórfica, localizada nas traseiras da Igreja matriz, junto a um jardim. Possui 1,80 metros de comprimento e 0,55 metros de largura máxima e com uma profundidade média de 0,36 metros. Está orientada para o quadrante Norte e pelas suas dimensões seria uma sepultura destinada a pessoa adulta.

Este túmulo insere-se numa vertente muito suave, a poucos metros da estrada que liga Cabanas de Viriato às Laceiras.

Fig. 70 **– Sepultura do Passal.**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 38;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 193.

38 – SEPULTURAS DO PENEDO DA MOITA

LUGAR: Moita/Póvoa de Stº Amaro

FREGUESIA: Parada

COORD: UTM 29 TNE 824743

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 266 metros

O acesso faz-se tomando a estrada que sai da Póvoa da Forcada em direcção à Póvoa de Stº Amaro. A meio do caminho corta-se à esquerda para o lugar que chamam de Sapo. As sepulturas encontram-se a poucos metros, à esquerda deste caminho.

As sepulturas antropomórficas do Penedo da Moita, pelas suas características, terão constituído a derradeira morada de um provável casal. A de maiores dimensões possui 1,92 metros de comprimento, podendo colocar-se a hipótese de ter sido destinada ao homem e a que se encontra ao lado mede 1,83 metros de comprimento e teria sido a da mulher.

Fig. 71 **– Sepulturas geminadas do Penedo da Moita.**

Situam-se num afloramento granítico entre as povoações de Póvoa da Forcada e Póvoa de Santo Amaro.

Numa fase posterior, estas sepulturas teriam sido utilizadas como lagareta, em virtude do orifício exterior que apresentam no lugar dos pés e da destruição do separador central que as dividia.

Fig. 72 **– Sepulturas do Penedo da Moita (vistas do quadrante Sul).**

Bibliografia:

- TENTE e LOURENÇO, 1998: 196.

39 – SEPULTURAS DA AVELEIRA

LUGAR: Aveleira/Alvarelhos

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 862788

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 268 metros

O acesso é efectuado pela estrada que sai de Alvarelhos em direcção à estrada que vem de Oliveirinha para Travanca de S. Tomé. A meio do caminho corta-se à esquerda para a Laje do Penedo, por caminho carreteiro, ficando as sepulturas a cerca de 200 metros.

As sepulturas do lugar de Aveleiras localizam-se próximo da Laje do Penedo e no vale da Ribeira de Cabanas a cerca de 300 metros para Sul desta ribeira, junto a um caminho fazendeiro. Uma destas sepulturas é rectangular e possui 1,79 metros de comprimento, tudo levando a crer não ter sido acabada, devido à sua pouca profundidade. As pessoas idosas chamam-lhe uma masseira.

***Fig. 73* – Sepultura rectangular da Aveleira.**

A outra sepultura é antropomórfica e dista cerca de 30 metros, para Sul, da anterior, medindo aproximadamente 1,77 metros de comprimento.

***Fig. 74* – Sepultura da Aveleira (antropomórfica).**

Bibliografia:

- VASCONCELOS, 1917: 134;
- MARQUES, 1995: 39;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 194.

40 – SEPULTURAS DA QUINTA DA MOURA

LUGAR: Vila Meã

FREGUESIA: Oliveira do conde

COORD: UTM 29 TNE 859754

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 285 metros

O acesso faz-se pela estrada de terra batida que liga Vila Meã a Casal Mendo. As sepulturas encontram-se do lado direito da referida estrada, a cerca de 300 metros, dentro do pinhal.

Núcleo de três sepulturas antropomórficas, localizadas numa zona de pinhal aplanada, sobranceira à Ribeira de Casal Mendo. Estes túmulos estão orientados para Este, num pequeno afloramento granítico, designando-se também o local por Quinta da Moura.

Têm cabeceira em arco de volta perfeita e o seu comprimento médio é de 1,80 metros por 0,50 metros de largura.

***Fig. 75* – Sepulturas da Quinta da Moura (vista geral do conjunto).**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 41;
- TENTE e LOURENÇO, 1998:195.

41 – SEPULTURA DA COVA DA MOURA

LUGAR: Vila Meã

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 859756

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 288 metros

O acesso efectua-se pela estrada de terra batida que sai de Vila Meã para Casal Mendo. Ao chegar-se ao primeiro cruzamento, anda-se a pé cerca de 200 metros, por caminho de pinhal.

Sepultura antropomórfica de grandes dimensões, localizada numa zona de encosta muito suave, para Ocidente de vila Meã, que é designada por Cova da Moura.

Possui cabeceira em arco ultrapassado, com comprimento máximo de 2,18 metros, sendo até ao momento classificado como o túmulo rupestre de maiores dimensões. À volta do túmulo existem várias covinhas escavadas na rocha. Encontra-se isolado, a uma distância de 200 metros para Norte do núcleo das três sepulturas atrás referidas.

***Fig. 76* – Sepultura da Cova da Moura.**

Bibliografia:

- MARQUES, 1995: 42;
- TENTE e LOURENÇO, 1998: 193.

42 – SEPULTURAS DO LUGAR DE S. SEBASTIÃO

LUGAR: S. Sebastião

FREGUESIA: Papízios

COORD: UTM 29 TNE 812765

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 264 metros

O acesso é efectuado pela estrada que liga Papízios a Pinheiro. Passando o cruzamento que dá para a Póvoa da Arenosa, segue-se em frente até ao lugar de S. Sebastião. As sepulturas ficam a 300 metros deste cruzamento, do lado direito da estrada.

Núcleo de sepulturas orientadas a Sul, localizadas no lugar de S. Sebastião e a Noroeste da Póvoa da Arenosa, tendo a Norte a Ribeira do Pinheiro.

Trata-se de duas sepulturas com tipologias diferentes, sendo uma em forma oval, com 1,16 metros de comprimento, que poderá ter sido de uma criança, e, uma outra, antropomórfica, com 1,73 metros de comprimento por 0,44 metros de largura.

***Fig. 77* – Sepultura de configuração oval, de menores dimensões.**

***Fig. 78* – Sepultura de maiores dimensões.**

Bibliografia:

- TENTE e LOURENÇO, 1998: 195.

43 – SEPULTURA DE TRAVANCA DE S. TOMÉ

LUGAR: Cortinhal

FREGUESIA: Oliveira do Conde

COORD: UTM 29 TNE 852794

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 294 metros

O acesso faz-se tomando a estrada que sai de Carregal do Sal para Travanca de S. Tomé. A sepultura encontra-se próximo da povoação, na Quinta dos Mascarenhas.

***Fig. 79* – Sepultura de Travanca de S. Tomé.**

Sepultura antropomórfica, localizada no lugar de Cortinhal, junto à povoação de Travanca de S. Tomé.

É um túmulo antropomórfico, orientado a Norte, com 1,86 metros de comprimento e cerca de 0,60 metros de largura.

Bibliografia:

- TENTE e LOURENÇO, 1998: 194.

44 – SEPULTURA DAS CUMEADAS

LUGAR: Cumeadas

FREGUESIA: Vila Meã

COORD: UTM 29 TNE 863749

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 292 metros

O acesso é efectuado através de caminho de terra batida que sai de vila Meã em direcção ao marco geodésico do Vale do Tamão. A sepultura fica situada no primeiro pinhal, a cerca de 200 metros antes de se chegar às Boiças, do lado direito do caminho.

Sepultura antropomórfica totalmente destruída, podendo ainda observar-se a zona da cabeceira.

Fica localizada para Sudoeste de Vila Meã, numa pequena rechã, a cerca de 298 metros de altitude. A sepultura está implantada num pequeno afloramento granítico, numa zona de pinhal, denominado de Cumeadas, podendo apenas constatar-se a sua irreversível destruição. Fica situada a cerca de 50 metros do lado direito do caminho, logo que se chega às últimas casas. É ainda possível constatar várias covinhas no afloramento, junto à cabeceira.

Fig. 80 **– Sepultura das Cumeadas.**

Bibliografia: Inédita.

45 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PASSAL

LUGAR: S. Sebastião

FREGUESIA: Currelos

COORD: UTM 29 TNE 854745

C.M.P: 210, Santa Comba Dão, 1993

ALTITUDE: 285 metros

Acede-se a este local pela estrada que sai de Currelos em direcção ao Rio Mondego. Ao chegar-se à capelinha de S. Sebastião, que fica à beira da estrada, do lado esquerdo, corta-se pelo caminho que passa junto a esta capela em direcção ao Penedo do Sino.

O sítio arqueológico do Passal, denominação também aceite pela tradição oral como lugar de S. Sebastião, fica localizado numa vertente relativamente acentuada, sobranceira à Ribeira de Casal Mendo, que lhe fica a Sul, distando cerca de 500 metros, também para Sul, da povoação com o mesmo nome.

Hermínio da Cunha Marques (1986: 43) refere que neste sítio teria existido uma antiga igreja, junto ao Penedo do Sino, e, segundo o investigador Afonso Reis de Sousa Santos, também citado por Marques (1986: 19), o local poderá ter sido um primitivo núcleo de origem romana.

No decorrer das prospecções de campo realizadas em toda esta área, apenas foi possível localizar uma estela discóide, de cabeceira de sepultura, decorada com quatro pétalas, do período medieval e que se encontra inserida na parede de uma palheira, situada no local.

Fig. 81 **- Estela medieval inserida na parede da palheira.**

Toda a área envolvente à palheira é constituída por muros com aparelho em granito muito antigo, sendo visíveis alguns elementos arquitectónicos inseridos nos muros, tais como soleiras de portas que poderiam fazer parte de primitivas estruturas habitacionais do local.

Fig. 82 **– Vista geral do sítio arqueológico do Passal.**

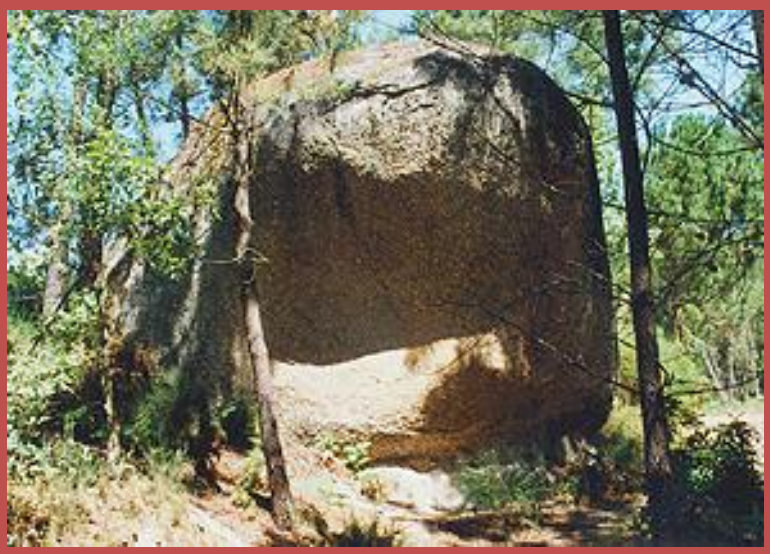


Fig. 83 **- Penedo do Sino.**

Bibliografia: Inédita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com características peculiares de natureza geográfica e implantado numa vasta superfície de aplanamento da denominada Plataforma do Mondego, foram, na área que hoje ocupa o concelho de Carregal do Sal, inventariados cerca de meia centena de sítios arqueológicos, alguns deles inéditos, e outros, na sua maioria, já intervencionados pela equipa do PEABMAM, ou em vias de o ser. Destes, destacam-se os sítios arqueológicos pré-históricos, sendo os monumentos megalíticos em maior número, seguidos de povoados de ar livre, do período Neolítico, Calcolítico e ocupações do Bronze Final.

A grande densidade destes sítios arqueológicos é provavelmente explicável pela área de influência de cursos fluviais importantes, como o Rio Dão a Norte e o Rio Mondego a Sul, bem como pelos seus afluentes que irrigam inúmeros vales, que teriam oferecido condições privilegiadas à chegada das primeiras comunidades humanas que se dedicavam à agricultura, à pastorícia e à caça.

O início da instalação destas comunidades neolíticas, para o caso do núcleo Fiais/Ameal, terá ocorrido por volta do princípio do IV milénio a .C. (Ventura, 1994: 1-8), verificando-se, com a chegada destas, a ocorrência das primeiras construções de pequenos monumentos funerários, caso da Orca 1 e 2 do Ameal, implantados em terrenos elevados (cotas médias de 300 metros), evoluindo depois para monumentos megalíticos de maiores dimensões, sendo um exemplo disso a Orca dos Fiais da Telha, com grande impacto visual na paisagem.

Devo salientar que, apesar da globalidade dos sítios arqueológicos pré-históricos constituírem um potencial valor patrimonial, ao qual estará sempre subjacente o seu interesse científico para a reconstituição do passado humano, só uma pequena parte tem interesse turístico, e, por conseguinte, reúne alguma capacidade de atrair visitantes. São os casos da Orca dos Fiais da Telha, as gravuras do Ameal, a Orca 1 e 2 do Ameal, Orca do Outeiro do Rato e Orca de Santo Tisco. Os povoados de ar livre, quase inacessíveis em alguns casos, passariam despercebidos à grande maioria dos visitantes.

De facto, importa salientar que a valorização turística e o reconhecimento deste património cultural passa, inevitavelmente, pela criação de um museu local ou municipal, proporcionando-se, assim, aos visitantes, uma representação do passado, através da musealização dos objectos que foram exumados das inúmeras

intervenções arqueológicas e que poderão ser vistos através de exposições temporárias ou permanentes. Com esta medida, preencher-se-ia uma lacuna das estações não visitáveis, criando-se um cenário de vivências do passado, que foram fruto da cultura material dos povos, que por aqui se fixaram ao longo dos tempos pré-históricos.

Relativamente à ocupação romana, foram identificados, até ao momento, sete sítios arqueológicos, sendo de toda a conveniência prosseguir com a pesquisa de campo, porquanto este número de estações estará muito aquém das potencialidades que a área outrora teria proporcionado, com as suas características geográficas, riquezas naturais e terrenos de óptimas capacidades agrícolas.

Certamente, muitas das frondosas quintas agrícolas, vedadas com muros de aparelho muito antigo, as quais, por motivos óbvios, nem sempre foi possível visitar, e hoje integradas nas muitas aldeias ou vilas com vestígios medievos, poderão ter correspondido a algumas *villae* ou casais romanos, que eram, sobretudo, explorações agro-pecuárias, onde residiam os grandes ou médios proprietários, com as casas para os trabalhadores e escravos que nelas laboravam. Analisando a distribuição espacial das mesmas, verifica-se que estão implantadas em zonas elevadas (cotas médias de 300 metros) e em vertentes suaves, expostas a Nascente e a Sul, organizando-se à beira ou nas proximidades de boas vias de acesso e próximas de linhas de água. São os casos da Quinta da Sobreira (Oliveira do Conde) e Chãs (Beijós), que poderiam estar na origem da formação daqueles núcleos populacionais.

Ao nível dos traçados das vias romanas, torna-se hoje muito difícil delinear a sua demarcação exacta, devido às sucessivas adulterações que se processaram através dos tempos. No entanto, nos traçados onde foram descobertos os dois prováveis marcos miliários, caso do Vale Touro, que corresponde ao antigo caminho que seguia de Albergaria a Vila Meã e o caso do traçado que dá acesso à Quinta da Sobreira, a partir do centro de Oliveira do Conde, poderão ter correspondido a vias romanas secundárias, que ligariam as *villae* entre si, colocando-se a hipótese mais provável de os respectivos marcos estarem deslocados do seu local original.

Por outro lado, o troço romano/medieval da Azenha, poderia de facto fazer parte desta rede viária subsidiária, fazendo depois ligação ao traçado principal que passaria por Oliveira do Conde e Currelos, seguindo depois, como já foi sublinhado, para a antiga ponte do Caldeirão (Rio Mondego), da qual hoje nada resta, em direcção à *Civitas* de Bobadela.

Tecendo algumas considerações quanto aos vestígios medievais, os quais, na sua maioria, correspondem a sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, identificaram-se cerca de três dezenas, organizando-se algumas delas em conjuntos de duas ou três, e necrópoles, como o caso de Cabanas de Viriato, com um número de cinco, sendo as restantes isoladas.

A maior parte destes monumentos funerários estão implantados em zonas elevadas (cotas médias de 290 metros), destacados na paisagem e implantados em afloramentos graníticos isolados, próximos de caminhos fazendeiros e em zonas de pinhal, exceptuando-se a necrópole de Cabanas de Viriato.

O seu isolamento e dispersão sugerem que teria existido um povoamento disperso, provavelmente por comunidades eremíticas ou outros agregados familiares que habitariam em pequenos casais agrícolas. Contudo, a maioria dos autores não considera as sepulturas como um reflexo da população existente (Tente e Lourenço, 1998: 211), permanecendo a ideia de que «este tipo de enterramento não seria exclusivo, havendo certamente outras modalidades».

Por último, no que concerne à globalidade do património cultural existente no concelho de Carregal do Sal, seria desejável que este tipo de trabalhos prosseguisse e se alargasse a outros concelhos, tendo em vista não só a sua valorização e consequente preservação, mas também a sua divulgação para que se cumpra uma função cultural e educativa, dado que todo este património cultural constitui o símbolo e a identidade de cada comunidade.

GLOSSÁRIO

ANEPÍGRAFO - Monumento destinado a ter inscrição mas que actualmente a não tem, ou porque ela nunca foi gravada ou porque desapareceu.

ANTA - Túmulo megalítico (ou monumento funerário) destinado a enterramentos colectivos. São constituídos por uma câmara e corredor. As grandes pedras colocadas na vertical chamam-se esteios e a cobertura é denominada de cúpula ou chapéu. A edificação destes monumentos iniciou-se no Período Neolítico.

ANTROPOMORFO - Representação humana estilizada.

ARTE RUPESTRE - Arte pré-histórica que utiliza as técnicas da gravura ou pintura sobre pedra.

CALCOLÍTICO - Período cronológico-cultural que ocupa a segunda metade do III e os inícios do II milénios a.C. (entre cerca de 2700/2500 a.C. até 1800/1700 a. C.). Caracteriza-se pelas primeiras manifestações da metalurgia do cobre e transformações socio-económicas.

CIVITAS - Unidade administrativa estabelecida pelos romanos, sendo maior que um concelho actual e menor do que um distrito. Era constituída por uma cidade--capital e o seu respectivo território rural.

DOLIUM – Talha ou pote em barro, de média ou grande dimensão.

DÓLMEN - O mesmo que anta.

ESTELA DISCÓIDE - Pedra ou marco de referência de uma sepultura, trabalhada em forma de disco e implantada na cabeceira das sepulturas, em posição vertical.

IDADE DO BRONZE - Período cronológico-cultural que ocupa grande parte do II e inícios do I milénio a .C. (entre cerca de 1800/1700 até cerca de 700 a .C.). Caracteriza-se pela metalurgia do bronze.

IDADE DO FERRO - Período cronológico-cultural que se inicia por volta de 700 a .C.. Caracteriza-se essencialmente pelo aparecimento e difusão da siderurgia ou tecnologia do ferro e pelo desenvolvimento e complexificação do sistema económico social e político.

IMBREX - Telha de barro em forma de meia cana para cobertura de telhados, sendo mais grossa e menos larga que a tradicional.

INSCRIÇÕES ROMANAS - Textos ou letras gravadas em materiais duros como a pedra, metais ou cerâmicas. As inscrições mais abundantes são, geralmente, as de carácter funerário para recordar os mortos, de carácter votivo para adoração dos deuses ou honoríficas para homenagear alguém.

MAMOA - Estrutura de forma arredondada, aproximadamente semi-circular, constituída por pedras e terra, que tapava os monumentos megalíticos.

MARCO MILIÁRIO - Coluna que era colocada à beira das vias romanas para indicar as distâncias, em milhas.

MEGALITISMO - Designação atribuída à construção de recintos sagrados e monumentos funerários, como as antas ou dólmens, que eram constituídos por grandes pedras, para enterramentos colectivos ou cultos primitivos.

MICRÓLITO - Instrumento lítico, de pequenas dimensões, obtido a partir de pequenas lâminas de sílex ou de quartzo.

NEOLÍTICO - Período cronológico-cultural que se inicia por volta de 6000 a .C. e que vai, *grosso modo*, até ao III milénio a .C.. Caracteriza-se pelo aparecimento da agricultura e pela domesticação de animais. O homem começa a abandonar o nomadismo e vai passando gradualmente à sedentarização. É uma fase de desenvolvimento técnico das sociedades humanas e que corresponde ao desenvolvimento de uma economia de produção.

TEGULA – Telha plana de barro, utilizada em telhados romanos, juntamente com o *imbrex*.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (1988a): *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa.

ALARCÃO, J. (1988b): *Roman Portugal. Gazeteer*, vol. *II* . Warminster, England.

ALARCÃO, J. (1989): «Geografia Política e Religiosa da Civitas de Viseu», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, pp. 305-314.

ALARCÃO, J., coord. (1990): *Portugal das Origens à Romanização*, in *Nova História de Portugal*, vol. 1, direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Editorial Presença, Lisboa.

ALMEIDA, J. (1945): *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa.

ALVES, A. (1965): *Igrejas e Capelas Públicas e Particulares da Diocese de Viseu nos séculos XVII, XVIII e XIX (os vínculos, as confrarias. Cronologia artística)*. Beira Alta, XXIV, nº 1, Viseu, pp. 37-73.

CARVALHO, P. S. (1989): *Roteiro Arqueológico do Concelho de Penedono*. Edição Câmara Municipal de Penedono, Viseu.

CRUZ, P. B. (1903): «Ruínas da Orca do Outeiro do Rato», in *Portugália*, I. Porto, p. 812.

ENCARNAÇÃO, J. (1989): «Indigenismo e Romanização na Epigrafia de Viseu», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, pp. 315-323.

ESTEVINHA, I. M.; SENNA MARTINEZ, J. C. e VALERA, A. C. (1989): «O Complexo 1 do Penedo da Penha, Vale de Madeiros (Canas de Senhorim); Alguns resultados Preliminares da Campanha 1 (1987)», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, pp. 125-142.

FERNANDES, L. S. (1996): *A Presença da Mulher na Epigrafia Romana do Conventus Scallabitanus*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras do Porto. Porto (policopiado).

FIGUEIREDO, M. (1952): «Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras», in *Beira Alta*, Viseu, XI, 4, 1952, pp. 299-330; XII, 1, 1953, pp. 27-63, XII, 2 e 3 pp. 206.

GIRÃO, A. (1921/22): «Monumentos Pré-Históricos do Concelho de Viseu», in *O Archeologo Português*, XXV, pp. 183-189.

GOMES, L. F. C., e CARVALHO, P. S. (1992): *O Património Arqueológico do Concelho de Mangualde*. Ed. Câmara Municipal de Mangualde, Viseu.

GONÇALVES, V. S. e VENTURA, J. M. Q. (1991): «O Megalitismo de entre Mondego e Dão, o Concelho de Carregal do Sal, Contribuições para o Estudo da Pré-História da Bacia do Médio e Alto Mondego», *Seminário de Arqueologia*. Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

HENRIQUES, A. P. e BARROSO, M. J. (1994): «Limpeza e Levantamento Topográfico de Mamoas no Concelho de Carregal do Sal», in *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M., 2*. Colibri, Lisboa, pp. 257-262.

LEISNER, V. (1965): *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Werten 1/3*. Walter de Gruyter & Co., Berlin, 2 vols.

MARQUES, H. C. (1986): *Carregal do Sal, no Coração da Beira*, 1ª ed.. Câmara Municipal de Carregal do Sal.

MARQUES, H. C. (1998): *As Alminhas no Concelho de Carregal do Sal*. Ed. da Câmara Municipal de Carregal do Sal, Carregal do Sal.

MARQUES, J. A . M. (1991): «Sepulturas Rupestres de Côta», in *Beira Alta*, L, (1-2), Viseu, pp. 169-178.

MARQUES, J. A . M. (1992): «Notas Arqueológicas do Concelho de Vila Nova de Paiva», in *Beira Alta*, LI (3-4), Viseu, pp. 359-382.

MARQUES, J. A . M. (1995): *Sepulturas Escavadas na Rocha na Região de Viseu*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia , apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto (policopiado).

MARQUES, J. A . M. (1999): *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela*. Ed. Câmara Municipal de Vouzela, Viseu.

MARQUES, M. G. D. (1997): «Significado Cultural da Pinturas e Gravuras Rupestres dos Monumentos Funerários Megalíticos da Beira Alta (Portugal)», in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 67-83.

MOITA, I. (1966): «Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta», in *Ethnos, 5*, pp. 189-298, Lisboa.

P.M.H., *Portugaliae Monumenta Histórica, Inquisitiones*, Lisboa, 1888-1977.

PEDRO, I. (1990): «Sepulturas Escavadas na Rocha do Distrito de Viseu», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu, vol. 2*, Viseu, pp. 2-27.

PEDRO, I.; VAZ, J. L. I. e MARQUES, J. (1994): *Roteiro Arqueológico da Região de Turismo Dão-Lafões*, Viseu.

PINTO, C. V. (1989): «Uma Peça de Pedra Polida de Carregal do Sal no Museu de Francisco Tavares Proença Jr. (Castelo Branco)», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 65-69.

PINTO, E. J. J. (1996): *Património Arqueológico de Vila e Freguesia de Canas de Senhorim*. Ed. Junta de Freguesia de Canas de Senhorim, Viseu.

PINTO, E. J. J. (1998): «Contributo para o Inventário Arqueológico do Concelho de Nelas – Freguesia de Canas de Senhorim», in *Beira Alta*, vol. LVII, faz. 3 e 4, 3º e 4º trim., pp.405-448.

PINTO, E. J. J. (1999): «Contributo para o Inventário Arqueológico do Concelho de Nelas – Freguesia de Canas de Senhorim», in *Beira Alta*, vol. LVIII, fasc. 1 e 2, 1º e 2º trim., Viseu, pp.105-140.

PINTO, E. J. J. (2000): «Sítio Arqueológico de Chãs, Concelho de Carregal do Sal, Contributo para a sua Salvaguarda e Valorização», in *Beira Alta*, vol. LIX, fasc. 1 e 2, 1º e 2º trim., Viseu, pp. 245-259.

PORTAS, C. (1989): «Termas Romanas da Citânia da Raposeira (Mangualde)», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 371-378.

PORTAS, C., e FRADE, H. (1989): « Descoberta de um Anfiteatro Romano em Bobadela (Oliveira do Hospital)», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 379-401.

RIBEIRO, J. C. (1982/83): «Estudos Históricos-Epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*», Sintria, I-II, pp. 151-476.

RODRIGUES, M. C. M. (1997): «Uma Base de Dados para as Gravuras Rupestres da Beira Alta», in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 53-65.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994): « Megalitismo, Habitat e Sociedades: A Bacia do Médio e Alto Mondego no Conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP)», in *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, *Estudos Pré-Históricos*, Viseu, pp. 15-29.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e VENTURA, J. M. (1994): «A Orca de Santo Tisco (Carregal do Sal): a Campanha 2 (993)», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2. Colibri, Lisboa, pp. 245-247.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e VALERA, A .C. (1989): «A Orca das Pramelas, Canas de Senhorim», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 37-50.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989a): *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sócio-cultural*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa, 3 vols., (policopiado).

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989b): «O Megalitismo da Bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 83-97.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993): «A Ocupação do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise», in *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, 2. Colibri, Lisboa, pp. 149-154.

SENNA-MARTINEZ, J. C. VALERA, A .C. e VENTURA, J. M. Q. (1993): *10 Anos de Arqueologia na Bacia do Médio e Alto Mondego*, (Catálogo da Exposição), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994): «Habitat do Ameal VI», in *Informação Arqueológica, 9*, Lisboa, pp. 85-86.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994): «O Sítio de Habitat Neolítico das Carriceiras (Carregal do Sal)», in *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*, 2. Colibri, Lisboa, pp. 235-240.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e ESTEVINHA, I. M. (1994): «O Sítio de Habitat das Carriceiras (Carregal do Sal): notícia preliminar», in *Actas do Seminário «O Megalitismo no Centro de Portugal», Estudos Pré-Históricos*, Viseu, pp. 55-61.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994): «O Habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a Campanha 1 (993)», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2. Colibri, Lisboa, pp. 253-262.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995/1996): «O Habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a Campanha 2 (994)», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2. Colibri, Lisboa, pp. 285-292.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1996): «O primeiro Povoamento Pré-Histórico da Plataforma do Mondego: percursos na Sala Museu de Arqueologia de Canas de Senhorim», in *Canas de Senhorim- História e Património*. Ed. Junta de Freguesia de Canas de Senhorim, Viseu, pp 51-72.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1996): «Pastores, Recolectores e Construtores de Megálitos na Plataforma do Mondego no IV e III milénios a.C. (1) O Sítio de Habitat do Ameal – VI», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4. Colibri, Lisboa, pp. 83-122.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e PEDRO, I., eds. (2000): *Por Terras de Viriato – Arqueologia da Região de Viseu.* Ed. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, Viseu.

SILVA, C. T. (1978): «Gravuras Rupestres Inéditas da Beira Alta», in *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, pp. 167-184.

SILVESTRE, O . (1976): «Uma Lápide Funerária encontrada em Beijós (Carregal do Sal)», in *Conimbriga*, XV. Coimbra, pp. 133-134.

TENTE, C. e LOURENÇO, S. (1998): «Sepulturas Medievais Escavadas na rocha dos Concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo», in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. I, nº 2, 1998, pp. 191-218.

VALERA, A. C. (1993): *Património Arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres*, Lisboa.

VALERA, A . C. (1995/1996): «A Génese da Idade do Bronze no Mondego Interior: análise de alguns aspectos das suas construções arqueológicas e historiográficas», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4.* Colibri, Lisboa, pp. 83-122.

VASCONCELOS, J. L. (1917): «Coisas Velhas», in *O Archeólogo Português*, 1ª série, XXII (1-12), Lisboa, pp. 107-168.

VAZ, J. L. I. (1979): *Contributo dos Documentos Medievais para a Prospecção Arqueológica*, Separata das Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Coimbra, pp. 181-197.

VAZ, J. L. I. (1987): «Canas de Senhorim e Carvalhal – Epigrafia e Romanização», in *Portugália*, nova série, VIII. Porto, pp. 63-68.

VAZ, J. L. I. (1987): *Roteiro Arqueológico do Concelho de Viseu*, Viseu.

VAZ, J. L. I. (1989): «Ara Votiva de Canas de Senhorim», in *Ficheiro Epigráfico*, 31, nº 138, Coimbra.

VAZ, J. L. I. (1988): «Placa Funerária de Canas de Senhorim», in *Ficheiro Epigráfico*, 31, nº 141, Coimbra.

VAZ, J. L. I. (1993): *A Civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Viseu, (policopiado).

VAZ, J. L. I. e FERNANDES, L. S. (1997): *Inscrição Rupestre de Cabanas de Viriato, Saxa Scripta. III Simpósio Ibérico-Itálico de Epigrafia Rupestre*. Viseu (no prelo).

VENTURA, J. M. Q. (1993): «Novos Monumentos Megalíticos no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia preliminar», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4. Colibri*, Lisboa, pp. 9-21.

VENTURA, J. M. Q. (1994): «A Orca 1 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu», in *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal", Estudos Pré-Históricos, 2*, Viseu, pp. 31-42.

VENTURA, J. M. Q. (1994): «A Orca 2 do Ameal (Carregal do Sal)», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 2.* Colibri, Lisboa, pp. 241-243.

VENTURA, J. M. Q. (1994): «O Núcleo Megalítico de Fiais/Ameal: problemas e Perspectivas», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 2.* Colibri, Lisboa, pp. 1-8.

VENTURA, J. M. Q. (1995): «A Orca 2 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu: resultados Preliminares», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXXV (1), pp. 47-62.

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996): «A Orca 2 do Ameal (Oliveira do Conde, Carregal do Sal): a Campanha 3 (994)», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4.* Colibri, Lisboa, pp. 271-276.

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996): «A Orca 2 de Oliveira do Conde (Carregal do Sal): a Campanha 1 (994)», in *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4.* Colibri, Lisboa, pp. 277-280.

VENTURA, J. M. Q. (1997): «A Orca 1 do Ameal: resultados preliminares da Campanha 1 (989)», in *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 5-16.

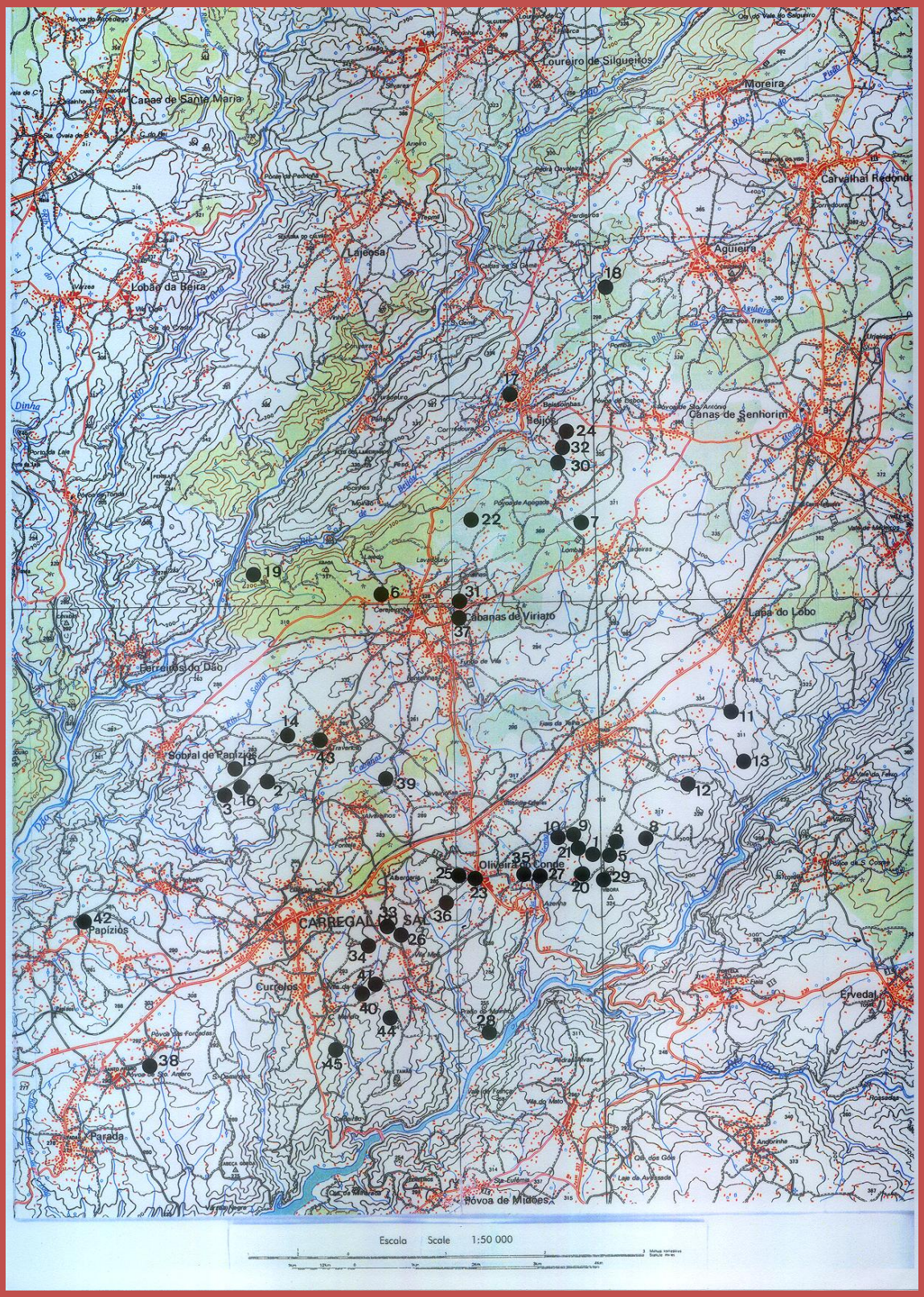
APÊNDICE

Cartografia

LEGENDA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

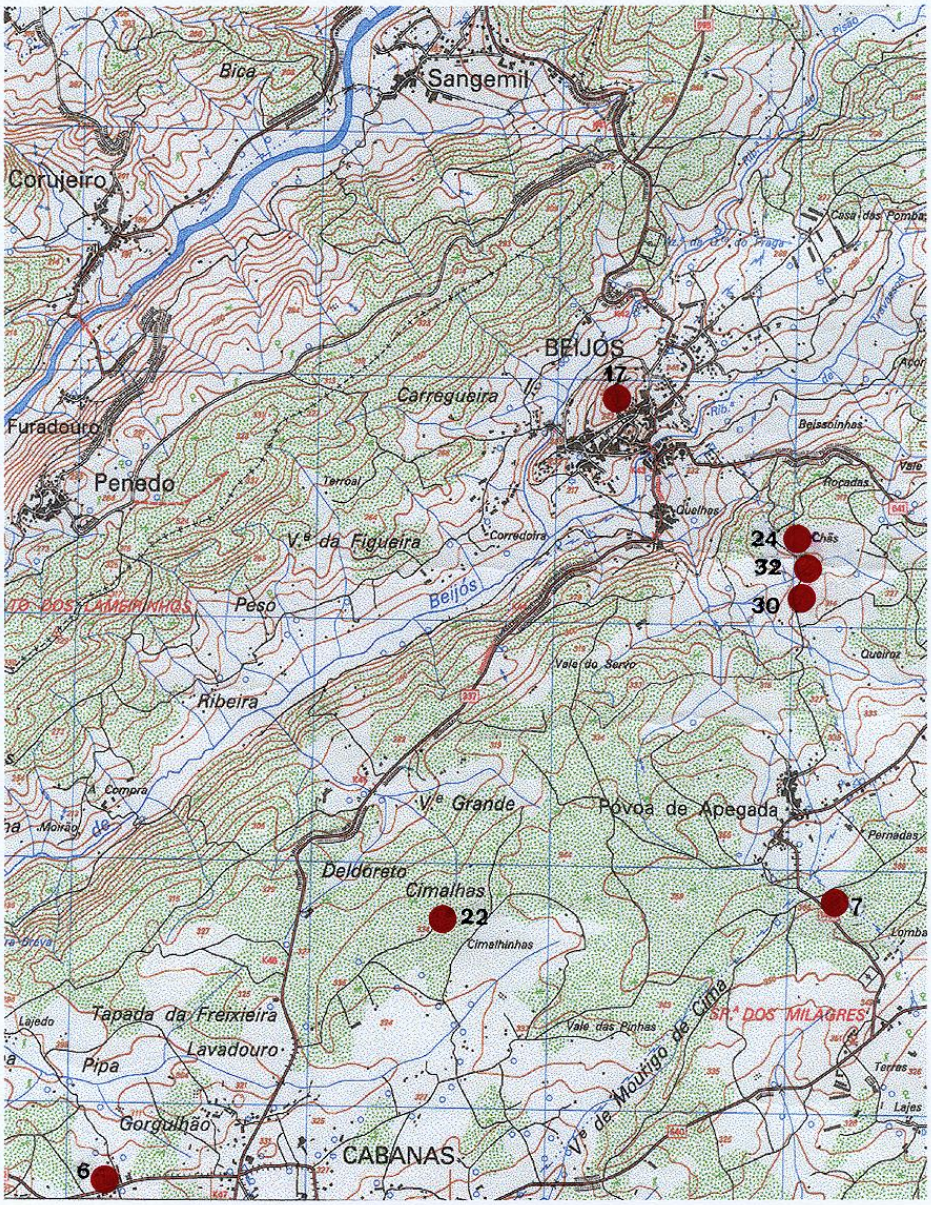
1 – HABITAT DO AMEAL
2 – HABITAT DAS CARRICEIRAS
3 – HABITAT DA QUINTA NOVA
4 – ORCA 1 DO AMEAL
5 – ORCA 2 DO AMEAL
6 – ORCA 1 DE CABANAS
7 – ORCA 2 DE CABANAS
8 – ORCA DOS FIAIS DA TELHA
9 – ORCA 1 DE OLIVEIRA DO CONDE
10 – ORCA 2 DE OLIVEIRA DO CONDE
11 – ORCA DO OUTEIRO DO RATO
12 – ORCA DO SANTO
13 – ORCA DO TORREÃO
14 – ORCA DE SANTO TISCO
15 – ORCA DE TRAVANCA
16 – ORCA DO VALONGO
17 – OUTEIRO DOS CASTELOS
18 – OUTEIRO DO SANTO
19 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA MALCATA
20 – VALE DA MENA
21 – VALE DA ORCA
22 – INSCRIÇÃO RUPESTRE DE CABANAS DE VIRIATO
23 – MARCO MILIÁRIO ANEPÍGRAFO DE OLIVEIRA DO CONDE
24 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CHÃS
25 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA QUINTA DA SOBREIRA
26 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE VALE TOURO
27 – TROÇO ROMANO/MEDIEVAL DA AZENHA
28 – VALE DO RIO
29 – GRAVURAS DO AMEAL
30 – LAGARETA DE RIACHAS
31 – NECRÓPOLE CABANAS VIRIATO
32 – SEPULTURAS DE CHÃS
33 – SEPULTURA DE ALBERGARIA
34 - SEPULTURA DO AMIEIRO
35 – SEPULTURAS DA LAJA DA IGREJA
36 – SEPULTURAS DA MALHOA
37 – SEPULTURA DO PASSAL
38 – SEPULTURAS DO PENEDO DA MOITA
39 – SEPULTURAS DA QUINTA DA AVELEIRA
40 – SEPULTURAS DA QUINTA DA MOURA
41 – SEPULTURAS DA COVA DA MOURA
42 – SEPULTURAS DO LUGAR DE S. SEBASTIÃO
43 – SEPULTURA DE TRAVANCA DE S. TOMÉ
44 – SEPULTURA DAS CUMEADAS
45 - SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PASSAL

MAPA GLOBAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



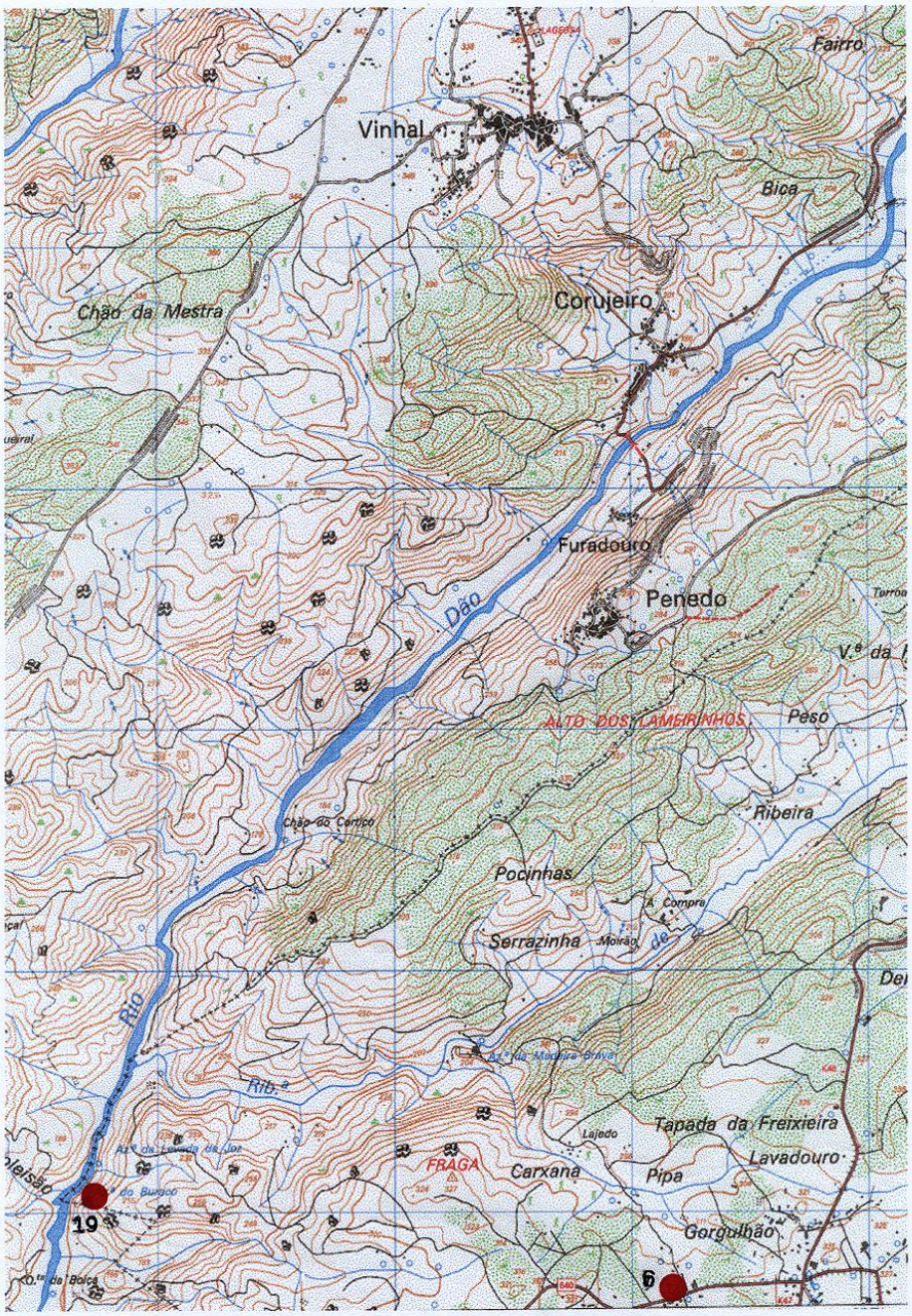
EXTRACTO DA CARTA COROGRÁFICA DE PORTUGAL, FOLHA 17-C, SANTA COMBA DÃO
ESCALA 1: 50 000, EDIÇÃO 2 - IGCP

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



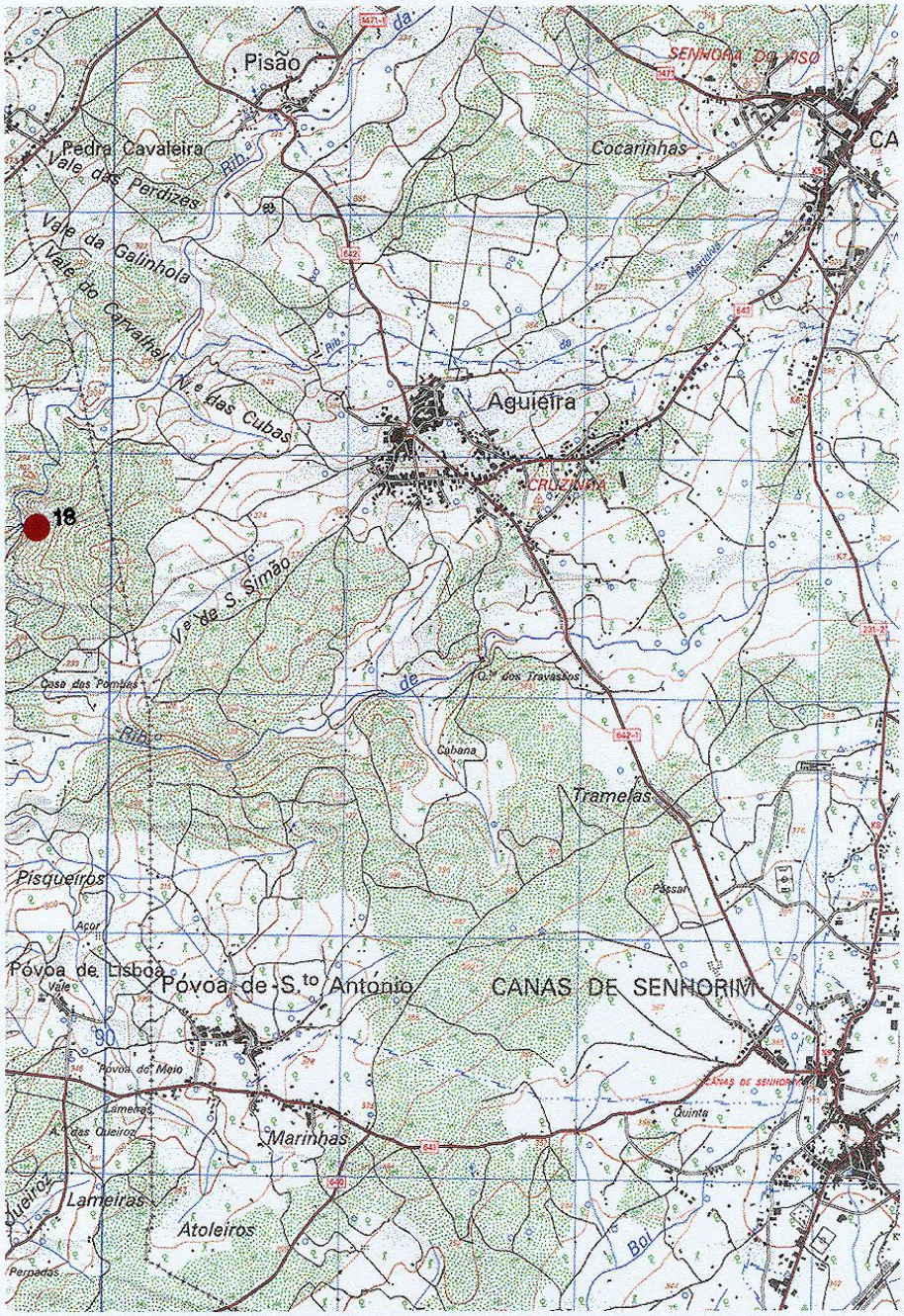
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 199, TONDELA, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



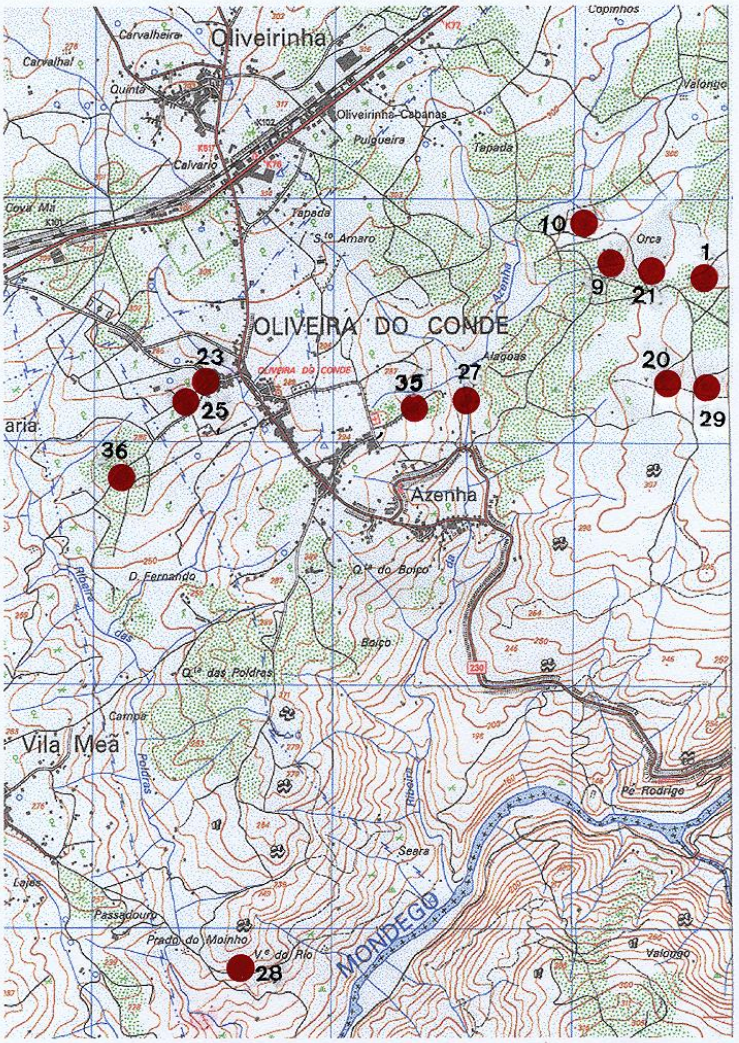
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 199, TONDELA, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



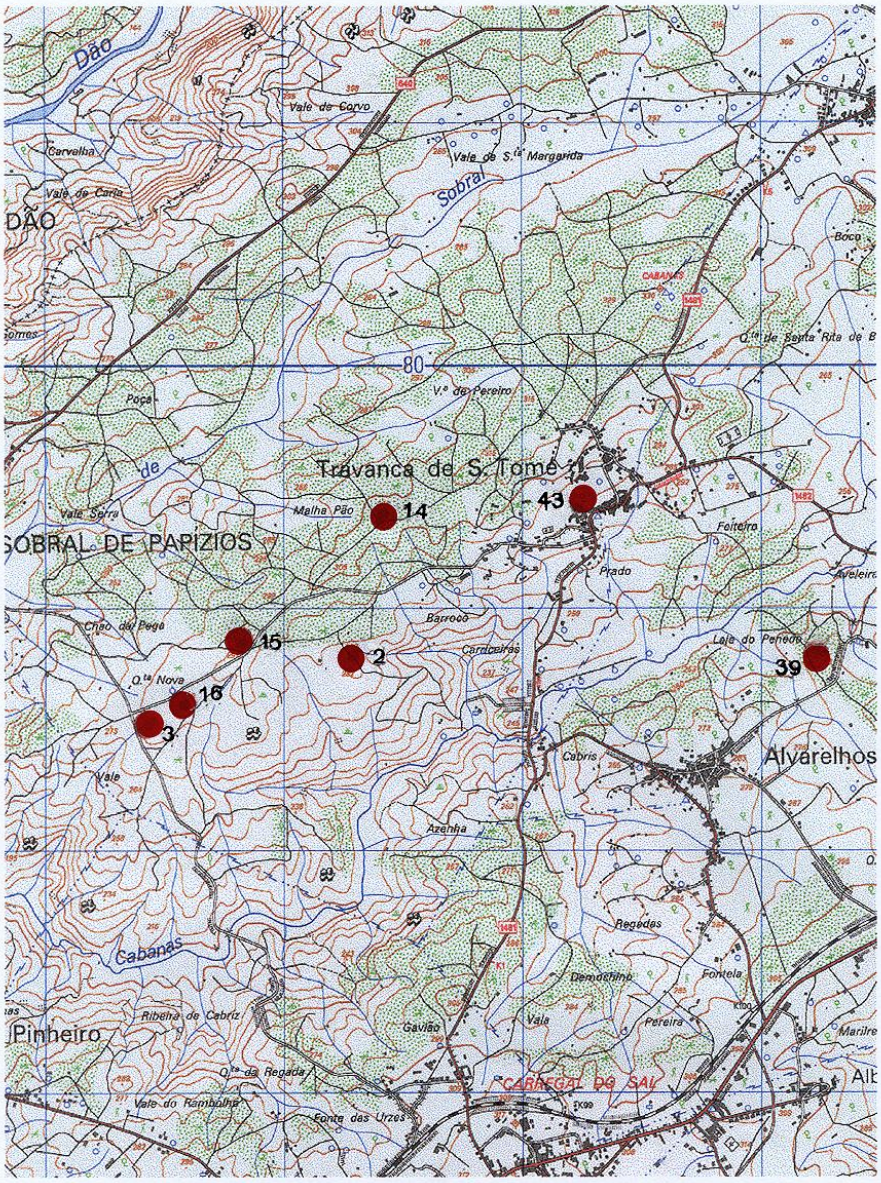
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 200, NELAS, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1992.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



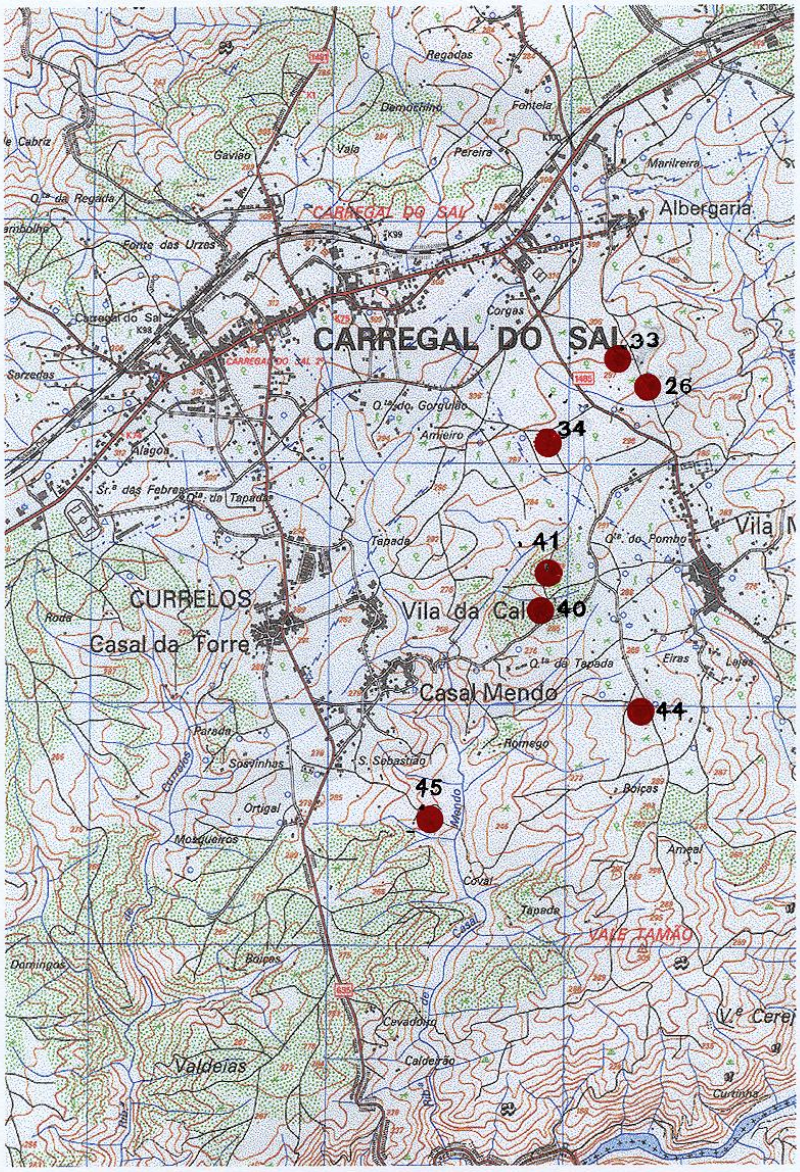
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 210, SANTA COMBA DÃO, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



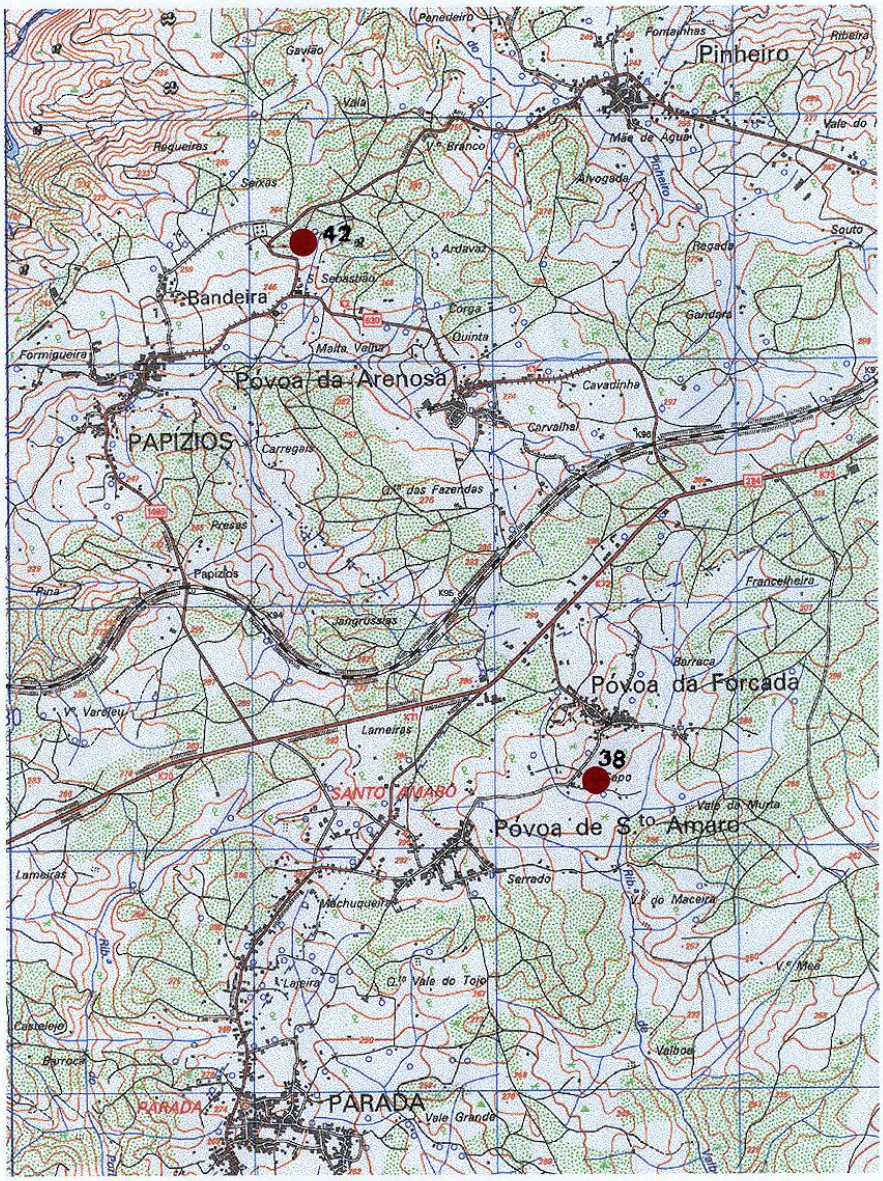
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 210, SANTA COMBA DÃO, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



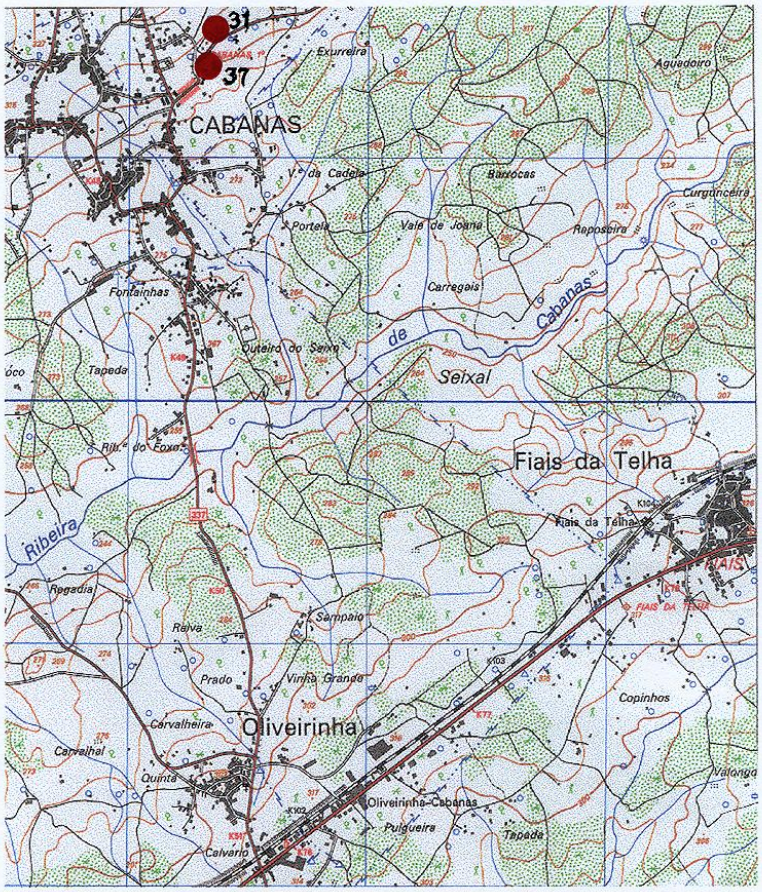
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 210, SANTA COMBA DÃO, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



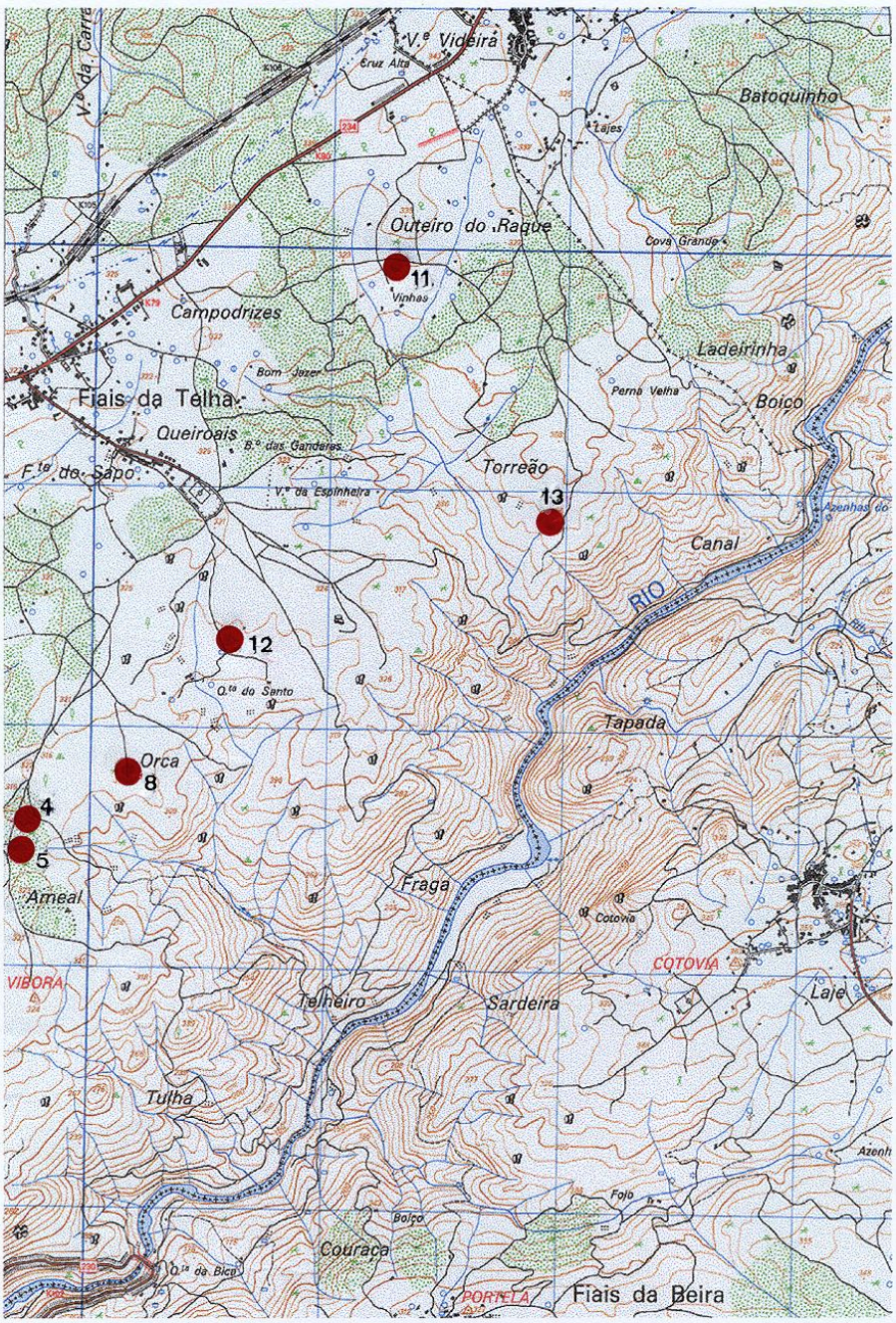
EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 210, SANTA COMBA DÃO, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 210, SANTA COMBA DÃO, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



EXTRACTO DA CARTA MILITAR DE PORTUGAL DOS SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO, FOLHA Nº 211, ERVEDAL DA BEIRA, ESCALA 1: 25 000, EDIÇÃO 1993.

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO 4
INTRODUÇÃO 5
Enquadramento geográfico 10
AS ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO CONCELHO DE CARREGAL DO SAL 13
A ocupação Pré-Histórica 14
· Percursos arqueológicos Pré-históricos – Mapa 16
· Habitat do Ameal 17
· Habitat da Carriceiras 18
· Habitat da Quinta Nova 19
· Orca 1 do Ameal 20
· Orca 2 do Ameal 21
· Orca 1 de Cabanas 22
· Orca 2 de Cabanas 23
· Orca dos Fiais da Telha 24
· Orca 1 de Oliveira do Conde 25
· Orca 2 de Oliveira do Conde 26
· Orca do Outeiro do Rato 27
· Orca do Santo 28
· Orca do Torreão 29
· Orca de Stº Tisco 30
· Orca de Travanca 31
· Orca do Valongo 32
· Outeiro dos Castelos 33
· Outeiro do Santo 34
· Sítio Arqueológico da Malcata 35
· Vale da Mena 36
· Vale da Orca 37
A ocupação Romana 38
· Percursos arqueológicos romanos – Mapa 40
· Inscrição rupestre de Cabanas de Viriato 41
· Marco miliário anepígrafo de Oliveira do Conde 43
· Sítio arqueológico de Chãs 44

· Sítio arqueológico da Quinta da Sobreira 48
· Sítio arqueológico de Vale Touro 49
· Troço romano/medieval da Azenha 50
· Vale do Rio 51
A Época Medieval 52
· Percursos arqueológicos medievais - Mapa 55
· Gravuras do Ameal 56
· Lagareta de Riachas 57
· Necrópole de Cabanas de Viriato 58
· Sepulturas de Chãs 59
· Sepultura de Albergaria 60
· Sepultura do Amieiro 61
· Sepulturas da Laja da Igreja 62
· Sepulturas da Malhoa 63
· Sepultura do Passal 64
· Sepulturas do Penedo da Moita 65
· Sepulturas da Quinta da Aveleira 66
· Sepulturas da Quinta da Moura 67
· Sepulturas da Cova da Moura 68
· Sepulturas do Lugar de S. Sebastião 69
· Sepultura de Travanca de S. Tomé 70
· Sepultura das Cumeadas 71
· Sítio arqueológico do Passal 72
CONSIDERAÇÕES FINAIS 74
GLOSSÁRIO 77
BIBLIOGRAFIA 79
APÊNDICE – CARTOGRAFIA 85